

**Daisy Miller**

**Henry James**

Na cidadezinha de Vevey, na Suíça, existe um hotel especialmente confortável. Existe, na verdade, um bom número de hotéis, pois o acolhimento de turistas sustenta o local, que, muitos viajantes vão lembrar, fica à beira de um lago de azul extraordinário – lago que convém a todo turista conhecer. A margem do lago apresenta uma fileira contínua de estabelecimentos desse tipo, de todas as categorias; do mais moderno “grand hotel”, de fachada branco-giz, com uma centena de sacadas e uma dúzia de bandeiras tremulando no telhado, à pequena *pension* suíça de tempos mais antigos, com o nome inscrito em letras góticas sobre a parede rosa ou amarela e um estranho quiosque ao canto do jardim. Entretanto, um dos hotéis em Vevey é famoso, clássico até; destaca-se entre os vários pretensiosos vizinhos pelo ar de luxo e de perfeição. Nessa região, no mês de junho, os visitantes americanos são muito numerosos; pode-se dizer, na verdade, que Vevey assume, nessa época, certas características de uma estação de águas americana. Cenas e sons evocam imagens, ecos, de Newport e Saratoga: um vaivém esvoaçante de moças “na moda”, um roçar de babados de musselina, uma agitação musical nas horas matutinas, a algararra incessante de vozes exaltadas. Você tem uma ideia de tudo isso no primoroso hotel Trois Couronnes, de onde é transportado, em imaginação, para o Ocean House[1] ou para o Congress Hall[2]. No Trois Couronnes, porém, é preciso acrescentar, outras particularidades contrariam essas impressões: impecáveis garçons alemães que parecem diplomatas; princesas russas sentadas no jardim; polonesinhos passeando de mãos dadas com suas governantas; uma vista da crista nevada do Dent du Midi e das pitorescas torres do Castelo de Chillon.

Eu não saberia dizer se as semelhanças ou as diferenças predominavam no pensamento de um jovem americano, que, há coisa de dois ou três anos, sentou-se no jardim do Trois Couronnes, olhando ao redor, como quem está com tempo de sobra, alguns dos aspectos atrativos que mencionei. Era uma bonita manhã de verão, e, não importava de que modo o jovem americano observasse as coisas, elas lhe pareciam encantadoras. Um dia antes ele chegara de Genebra – onde morava há muito tempo – a bordo do pequeno vapor, para ver a tia, que estava hospedada no hotel. Ela, porém, estava com dor de cabeça – a tia quase sempre estava com dor de cabeça – e agora estava trancada no quarto, cheirando cânfora, e, assim, ele estava livre para perambular. Tinha uns 27 anos; quando os amigos falavam nele, em geral comentavam que estava em Genebra, “estudando”. Quando os inimigos falavam dele, diziam... – mas, pensando bem, ele não tinha inimigos; era um camarada de extrema cordialidade, querido por todos. Devo dizer, apenas, que certas pessoas, ao falarem sobre ele, afirmavam que a razão de sua longa estadia em Genebra era a profunda devoção a uma senhora residente naquela cidade, uma senhora estrangeira – uma pessoa mais velha do que ele. Raros americanos – na verdade, acho que nenhum – avistaram alguma vez essa senhora, sobre a qual se contavam histórias curiosas. Contudo, um vínculo antigo ligava Winterbourne à pequena metrópole do Calvinismo: foi ali que ele frequentou a escola quando menino e, mais tarde, a faculdade – circunstâncias que lhe possibilitaram formar um bom círculo de amizades. Muitas ele havia mantido, e lhe davam grande satisfação.

Depois de bater à porta da tia e ficar sabendo que ela estava indisposta, foi dar um passeio na cidade e então voltou para o café da manhã. Agora havia terminado o desjejum e tomava uma xícara de café, que um dos garçons parecidos com *attachés* lhe servira sobre uma mesinha no jardim. Por fim, terminou o café e acendeu um cigarro. Dali a pouco um menino veio andando pela trilha – um moleque de nove ou dez anos. A criança, miúda para a idade, tinha uma expressão envelhecida de compostura, a tez pálida e as feições delicadas e astutas. Vestia bermuda folgada, presa logo abaixo dos joelhos, e meias vermelhas que revelavam as canelinhas magras; usava também um cachecol carmim. Na mão, trazia um comprido bastão de alpinista, de ponta afiada, que ele ia espetando em tudo o que estava ao seu alcance – canteiros de flores, bancos do jardim, caudas de vestidos femininos. À frente de Winterbourne estacou, mirando-o com dois olhinhos vivos e penetrantes.

– Me dá um cubo de açúcar? – pediu, com uma vozinha aguda e áspera; uma voz imatura e, no entanto, de certa forma, não infantil.

Winterbourne olhou de relance a mesinha ao lado, sobre a qual estava a louça do café, e viu que sobraram vários cubos de açúcar.

– Sim, pode pegar um – respondeu ele –, mas acho que açúcar não é bom para crianças.

Esse menino deu um passo à frente e selecionou, meticoloso, três dos desejados cubos, dois dos quais afundou no bolso da bermuda, colocando o outro de imediato em outro lugar. Cutucou o banco de Winterbourne com o bastão, como se fosse uma lança, e tentou quebrar o cubo de açúcar com os dentes.

– Diabos, é dur-r-o! – exclamou, pronunciando o adjetivo de modo peculiar.

Winterbourne logo percebeu que podia ter a honra de reivindicá-lo como compatriota.

– Cuidado para não quebrar os dentes – disse, paternal.

– Eu não tenho nenhum dente para quebrar. Eles caíram todinhos. Só sobraram sete. Ontem de noite minha mãe contou, e depois caiu mais um. Ela disse que iria me dar umas palmadas se caísse mais outro. Eu não posso fazer nada. É esta Europa

velha. É o clima que faz eles caírem. Na América eles não caíam. São estes hotéis.

Winterbourne achou aquilo muito divertido.

– Se você comer três cubos de açúcar, a sua mãe com certeza vai lhe dar umas palmadas – disse.

– Então ela vai ter de me dar um doce – replicou seu jovem interlocutor. – Aqui eu não consigo nada de doce... pelo menos não doce americano. O doce americano é o melhor.

– E os meninos americanos são os melhores? – indagou Winterbourne.

– Não sei. Eu sou um menino americano – disse a criança.

– E, pelo que vejo, um dos melhores! – riu-se Winterbourne.

– Você é um americano? – prosseguiu a criança, vivaz. E então, quando Winterbourne respondeu de modo afirmativo, declarou: – Os homens americanos são os melhores.

O seu acompanhante agradeceu o elogio, e a criança, agora a cavalo no bastão de alpinista, permaneceu olhando a seu redor, enquanto atacava um segundo cubo de açúcar. Winterbourne imaginou se ele próprio teria sido assim na infância, já que havia sido trazido para a Europa mais ou menos nessa idade.

– Aí vem a minha irmã! – gritou a criança, de repente. – Ela é uma moça americana.

Winterbourne olhou adiante na trilha e viu uma bela moça se aproximando.

– As moças americanas são as melhores – disse, alegre, para o seu jovem amigo.

– Minha irmã nem é a melhor! – declarou o menino. – Ela está sempre ralhando comigo.

– Vai ver, a culpa é sua, e não dela – disse Winterbourne. Nesse meio tempo a jovem chegou perto. Usava um vestido de musselina branca, com uma centena de folhos e babados, e laços de fita clara. Não usava chapéu, mas equilibrava na mão uma grande sombrinha de orla bordada; a beleza da moça era admirável, arrebatadora. “Como são lindas!”, pensou Winterbourne, endireitando-se no assento, como se estivesse prestes a se levantar.

A jovem parou em frente ao banco de Winterbourne, perto do parapeito do jardim, que dava vista para o lago. O menino agora havia transformado o bastão de alpinista em uma vara de saltos olímpicos e com ela pulava para lá e para cá no cascalho, jogando pedrinhas para o alto.

– Randolph – disse a jovem –, *o que* você está fazendo?

– Escalando os Alpes – replicou Randolph. – É assim que se sobe! – e deu outro pulinho, espalhando os seixos perto das orelhas de Winterbourne.

– É assim que se desce – comentou Winterbourne.

– Ele é americano! – gritou Randolph, com sua vozinha estridente.

A moça não prestou atenção ao anúncio e encarou o irmão:

– Bem, acho que é melhor você ficar quieto – ela observou apenas.

A Winterbourne pareceu que, de certa maneira, haviam sido apresentados. Levantou-se e caminhou devagar em direção à jovem, jogando fora o cigarro.

– Este menino e eu acabamos de nos conhecer – disse, com grande polidez.

Em Genebra, tinha plena consciência, um rapaz não teria a liberdade de dirigir a palavra a uma moça solteira, exceto sob raras condições; mas aqui, em Vevey, que condições poderiam ser melhores do que estas? Uma bela americana aparecendo e parando à sua frente em um jardim. Essa bela americana, porém, ao escutar o comentário de Winterbourne, dirigiu-lhe apenas um rápido olhar; então virou a cabeça e observou, sobre o parapeito, o lago e as montanhas da margem oposta. Ele se perguntou se não teria ido longe demais; mas decidiu que devia avançar em vez de recuar. Enquanto ele pensava em algo mais para dizer, a moça voltou-se de novo para o menino.

– Queria saber onde você conseguiu essa estaca – disse.

– Eu comprei! – respondeu Randolph.

– Você não quer dizer que vai levar isso junto para a Itália!

– Sim, vou levar para a Itália! – afirmou a criança.

A moça olhou a frente do vestido e alisou um ou dois laços de fita. Então, mais uma vez, descansou os olhos na paisagem.

– Bem, acho que é melhor deixar isso em algum lugar – falou, pouco depois.

– A senhorita está indo para a Itália? – indagou Winterbourne, em tom respeitoso.

A moça de novo olhou-o de relance.

– Sim, senhor – respondeu ela. E não disse mais nada.

– Vocês... vão... atravessar o Simplon? – Winterbourne prosseguiu, um pouco acanhado.

– Não sei – disse ela. – Acho que é uma dessas montanhas. Randolph, qual é a montanha pela qual vamos passar?

– Vamos aonde? – quis saber a criança.

– Para a Itália – explicou Winterbourne.

– Não sei – disse Randolph. – Eu não quero ir para a Itália. Quero ir para a América.

– Ah, a Itália é um lugar maravilhoso! – comentou o rapaz.

– Lá tem doce? – indagou Randolph, em voz alta.

– Espero que não – disse sua irmã. – Acho que você já comeu doce demais, e a mamãe também pensa assim.

– Faz tempo que não como doce... umas cem semanas! – gritou o menino, ainda pulando ao redor.

A jovem examinou seus babados e alisou as fitas de novo; e Winterbourne, dali a pouco, arriscou uma alusão à beleza da paisagem. Ele perdia a timidez, pois começara a notar que ela não estava nem um pouco tímida. Em sua fisionomia encantadora não se passara a mínima alteração; era evidente que não estava nem ofendida, nem perturbada. Se desviava o olhar quando ele falava, dando a impressão de não estar nem mesmo lhe escutando, era apenas seu costume, seu jeito. Entretanto, à medida que ele conversou um pouco mais e mencionou algumas particularidades da paisagem, sobre as quais ela mostrou desconhecimento, aos poucos ela lhe concedeu mais o benefício do olhar; e então ele notou que esse olhar era franco e destemido. Não era, porém, o tipo de olhar que se pudesse chamar de arrogante, pois os olhos da moça eram singularmente vivos e honestos. Eram olhos de uma beleza maravilhosa; na verdade, Winterbourne há tempos não via algo tão bonito quanto os traços de sua formosa compatriota – a tez, o nariz, as orelhas, os dentes. A beleza feminina deleitava-o; era afeito a observá-la e analisá-la; e sobre o rosto dessa jovem senhorita fez várias constatações. Não era de forma alguma insípido, mas não era também de todo expressivo, e, embora nele predominasse a delicadeza, Winterbourne em pensamento censurou-o – e perdoou-o – pela falta de retoque. Considerou grande a possibilidade de que a irmã do sr. Randolph fosse uma coquete; estava certo de que era moça de personalidade própria; mas no seu rostinho radiante, doce e superficial não havia resquício de escárnio ou ironia. Não demorou muito para se tornar óbvio que ela estava bem disposta a conversar. Contou-lhe que a família estava indo passar o inverno em Roma – ela, a mãe e Randolph. Perguntou se ele era “mesmo” americano; ela não o teria tomado por americano; parecia mais um alemão – e acrescentou, depois de breve hesitação –, sobretudo quando falava. Winterbourne, rindo, respondeu que já conhecera alemães que falavam como americanos; porém, até onde recordava, não conhecera nenhum americano que falasse como um alemão. Então, perguntou se ela não ficaria mais confortável sentando-se no banco que ele há pouco vagara. Ela respondeu que gostava de ficar de pé e caminhar, mas em seguida sentou-se. Contou-lhe que era do estado de Nova York – “se é que você sabe onde fica”. Winterbourne soube mais sobre ela pegando o braço de seu irrequieto irmãozinho e fazendo-o ficar por uns minutos a seu lado.

– Diga-me seu nome, meu garoto – disse ele.

– Randolph C. Miller – disse o menino, categórico. – E vou dizer o nome dela – e apontou o bastão de alpinista para sua irmã.

– Você tem de esperar que lhe façam perguntas, antes de responder – falou, calma, a jovem.

– Eu gostaria muito de saber o seu nome – disse Winterbourne.

– O nome dela é Daisy[3] Miller! – gritou a criança. – Mas esse não é o nome dela de verdade; nos cartões de visita é outro nome.

– Pena que você não tem um cartão meu! – disse a srta. Miller.

– O nome dela de verdade é Annie P. Miller – continuou o pequeno.

– Pergunte o nome *dele* – disse a irmã, apontando para Winterbourne.

Porém, neste ponto, Randolph aparentou indiferença completa; prosseguiu fornecendo informações sobre sua própria família.

– O nome do meu pai é Ezra B. Miller – proclamou. – Meu pai não está na Europa; meu pai está em um lugar melhor do que a Europa.

Por um momento, Winterbourne cogitou que essa era a maneira que a criança havia sido ensinada a sugerir que o sr. Miller havia partido para a esfera das recompensas celestiais. Porém, Randolph de imediato acrescentou:

– Meu pai está em Schenectady. Ele tem uma grande empresa. Meu pai é rico, pode apostar.

– Bem! – exclamou a srta. Miller, abaixando a sombrinha e olhando a orla bordada. Pouco depois, Winterbourne soltou a criança, que se afastou, arrastando o bastão de alpinista ao longo da trilha. – Ele não gosta da Europa – disse a jovem. – Ele quer voltar.

– Quer dizer, para Schenectady?

– Sim; ele quer voltar direto para casa. Ele não tem amigos por aqui. Há apenas um menino, mas está sempre acompanhado do professor; não deixam ele brincar.

– E o seu irmão não tem professor? – indagou Winterbourne.

– Mamãe pensou em conseguir um para ele, para viajar conosco. Uma senhora nos indicou um ótimo professor; uma senhora americana, talvez a conheça... a sra. Sanders. Acho que ela veio de Boston. Ela falou à mamãe sobre esse professor, e nós pensamos em contratá-lo para viajar conosco. Todavia, Randolph disse que não queria um professor nos acompanhando nas viagens. Ele disse que não queria estudar enquanto estivesse em viagem. E nós *estamos* metade do tempo em viagem. Uma senhora inglesa que conhecemos no trem, acho que o nome dela é srta. Featherstone... talvez a conheça. Ela queria saber por

que eu não dava aulas a Randolph, por que eu não o “instruía”, foi como ela disse. Suponho que ele possa me instruir mais do que eu a ele. É muito esperto.

– Sim – disse Winterbourne –, ele parece muito inteligente.

– Mamãe vai conseguir um professor para ele assim que chegarmos à Itália. Sabe se a gente consegue bons professores na Itália?

– Ótimos, eu diria.

– Se não, ela vai procurar uma escola. Ele precisa aprender mais. Tem só nove anos. Ele vai para a faculdade – e assim a srta. Miller continuou a conversar sobre os assuntos de família e outros tópicos. Ela ficou ali sentada; as mãos lindas, adornadas de anéis reluzentes, cruzadas no colo, e os olhos bonitos ora mirando os de Winterbourne, ora percorrendo o jardim, as pessoas que passavam e a bela paisagem. Falava com Winterbourne como se fossem conhecidos de longa data. Ele achou aquilo muito agradável. Há anos não ouvia uma moça falar tanto. Poderia-se dizer que essa jovem desconhecida, que aparecera e sentara a seu lado, tagarelava. Era muito serena, permanecia sentada de um jeito gracioso e tranquilo; porém, os lábios e os olhos estavam sempre se movendo. A voz era macia, delicada e aprazível; o tom, sociável. Deu a Winterbourne um histórico de seus movimentos e intenções, bem como dos da mãe e do irmão, na Europa, e listou, em especial, os diferentes hotéis em que haviam estado. – Aquela senhorita inglesa do trem (a srta. Featherstone) me perguntou se na América não moravam todos em hotéis. Respondi que nunca fiquei em tantos hotéis na minha vida como aqui na Europa. Nunca vi tanto hotel... é hotel por toda parte – porém, a srta. Miller não fez esse comentário em tom de queixa; parecia encarar tudo no melhor dos humores. Assegurou que os hotéis são excelentes, depois que você se acostuma ao sistema deles, e que a Europa é um encanto. Não estava nem um pouco desapontada. Talvez porque tivesse escutado muito sobre o assunto antes. Uma porção de amigas estivera ali inúmeras vezes. E então ela tivera vários vestidos e coisas de Paris. Sempre que usava um vestido parisiense, sentia-se como se estivesse na Europa.

– Era uma espécie de capuz mágico – disse Winterbourne.

– Sim – disse a srta. Miller, sem prestar atenção à analogia –, sempre me fez desejar estar aqui. Mas eu não precisava ter vindo aqui pelos vestidos. Estou certa de que eles mandam todos os bonitos para a América; por aqui se veem as coisas mais horríveis. A única coisa de que eu não gosto – prosseguiu ela – é a sociedade. Não há nenhuma sociedade; ou, se há, não sei onde ela se esconde. Você sabe? Suponho que haja alguma sociedade em algum lugar por aqui, mas não vi nada dela ainda. Tenho muito gosto pela sociedade e sempre participei bastante. Não digo apenas em Schenectady, mas em Nova York. Eu costumava ir a Nova York todo inverno. Lá eu frequentava bastante a sociedade. No inverno passado, fui convidada a dezessete jantares; e três deles oferecidos por cavalheiros – acrescentou Daisy Miller. E, um momento depois, recomeçou: – Tenho mais amigos em Nova York do que em Schenectady; mais amigos homens e mais amigas também. – Por um instante, fez nova pausa; fitava Winterbourne com toda a beleza dos olhos vívidos e do sorriso suave, um pouco monótono. – Sempre tive – disse ela – bastante convívio com cavalheiros da sociedade.

O pobre Winterbourne estava absorto, perplexo e, sem dúvida, encantado. Nunca ouvira uma moça se expressar dessa maneira antes; nunca – exceto nos casos em que falar tais coisas pudesse parecer prova convincente de certa lassidão de conduta. E, todavia, acusaria a srta. Daisy Miller de *inconduite*, como diziam em Genebra, real ou potencial? Pareceu-lhe que ficara tanto tempo em Genebra que perdera algo; desabitudara-se ao jeito americano. Nunca, na verdade, desde que se entendia por gente, havia encontrado uma americana de caráter tão marcante como essa. Com certeza, ela era encantadora; mas tão diabolicamente sociável! Seria apenas uma moça bonita de Nova York – eram todas assim, as moças bonitas que conviviam bastante com cavalheiros? Ou ela também era insidiosa, ousada e sem escrúpulos? Winterbourne perdera o instinto nessa matéria, e sua razão não o ajudava. A srta. Daisy Miller parecia inocente ao extremo. Algumas pessoas haviam lhe contado que, afinal de contas, as americanas eram de uma inocência excessiva; e outras que, afinal, elas não eram. Estava inclinado a pensar que a srta. Daisy Miller era uma namoradeira – uma bela namoradeira americana. Nunca havia, até então, se relacionado com moças dessa categoria. Conhecera, aqui na Europa, duas ou três mulheres – mais velhas do que a srta. Daisy Miller e providas, a bem da respeitabilidade, de maridos – que eram formidáveis coquetes, mulheres perigosas, medonhas, cujas amizades com alguém estavam sujeitas a tomar rumo sério. Porém, essa jovem não era uma coquete nesse sentido: faltava-lhe sofisticação; era apenas uma bela namoradeira americana. Winterbourne estava quase agradecido por ter encontrado a fórmula que se aplicava à srta. Daisy Miller. Recostou-se no banco; observou consigo que jamais vira nariz mais charmoso; imaginou em que condições e limitações rotineiras teria amizade com uma bela namoradeira americana. Logo ficou claro que estava a caminho de descobrir.

– Já foi ao velho castelo? – perguntou a jovem, apontando a sombrinha para as distantes e indistintas muralhas do Castelo de Chillon.

– Sim, em outras oportunidades, mais de uma vez – disse Winterbourne. – Imagino, também, que o conheça?

– Não, nós não fomos. Quero muito ir. É claro que pretendo ir até lá. Não quero ir embora daqui sem antes visitar o velho castelo.

– É um passeio bem bonito – disse Winterbourne – e bem fácil de fazer. Pode-se ir de carruagem, sabia? Ou com o pequeno barco a vapor.

– E de trem – disse Daisy Miller.

– Sim, é possível – confirmou Winterbourne.

– Nosso guia diz que o trem passa bem perto do castelo – continuou a jovem. – Quase fomos, semana passada, mas a minha mãe desistiu. Ela tem indigestões horríveis. Disse que não podia ir. Randolph também não queria; ele diz que não dá a mínima para castelos velhos. Mas acho que esta semana nós vamos, se conseguirmos convencer Randolph.

– Seu irmão não se interessa por monumentos antigos? – Winterbourne indagou, sorrindo.

– Ele diz que não se importa muito com castelos velhos. Ele tem só nove anos. Prefere ficar no hotel. Mamãe tem medo de deixá-lo sozinho, e o guia não fica com ele; por isso não fomos a muitos lugares. Mas vai ser uma pena se nós não formos até lá – e a srta. Miller apontou de novo para o Castelo de Chillon.

– Penso que isso pode ser providenciado – disse Winterbourne. – Não consegue alguém para passar a tarde com Randolph?

A srta. Miller observou-o por um instante; e então disse, de modo cândido:

– Gostaria que *você* ficasse com ele!

Winterbourne hesitou um momento:

– Prefiro ir ao Chillon com você.

– Comigo? – perguntou a moça, com a mesma placidez.

Ela não se ergueu, corada, como teria feito uma jovem em Genebra; não obstante, Winterbourne, consciente de sua ousadia, considerou possível tê-la ofendido.

– E com a sua mãe – respondeu, respeitoso.

Pareceu-lhe, porém, que tanto a sua audácia como o seu respeito não afetavam a srta. Daisy Miller.

– Acho que, no fim das contas, minha mãe não vai – disse. – Ela não gosta de passear à tarde. Mas falava sério mesmo, há pouco, quando disse que gostaria de ir até lá?

– Mais sério impossível – Winterbourne declarou.

– Então, podemos combinar. Se mamãe ficar com Randolph, acho que Eugenio também vai ficar.

– Eugenio? – o rapaz indagou.

– Eugenio é o nosso guia. Ele não gosta de cuidar de Randolph; é o homem mais rabugento que já vi, mas é um guia excelente. Acho que ele vai ficar no hotel com Randolph se mamãe ficar, e então nós podemos ir ao castelo.

Winterbourne refletiu por um instante, com a lucidez que pôde: “nós” só podia significar a srta. Daisy Miller e ele próprio. Esse passeio parecia quase bom demais para ser verdade; sentiu-se no dever de beijar a mão da jovem. É possível que o tivesse feito e estragado os planos por completo, mas em seguida outra pessoa (Eugenio, presumiu) apareceu. Um homem alto e elegante, com suíças soberbas, usando fraque de veludo e uma brilhante corrente de relógio, aproximou-se da srta. Miller, com olhar reprovador para o seu acompanhante.

– Ah, Eugenio! – disse a srta. Miller, no mais amigável dos tons.

Eugenio, depois de avaliar Winterbourne da cabeça aos pés, curvou-se com gravidade para a jovem.

– Tenho a honra de informar à senhorita que o almoço está servido.

A srta. Miller ergueu-se devagar.

– Adivinhe, Eugenio – ela disse. – Vou mesmo visitar o castelo antigo.

– O Castelo de Chillon, senhorita? – o guia perguntou. – Providenciou os preparativos? – ele acrescentou, em uma inflexão que soou muito impertinente a Winterbourne.

O tom de Eugenio pareceu lançar, para apreensão da própria srta. Miller, uma luz de suave ironia sobre a situação da moça. Ela se voltou para Winterbourne, ruborizando de leve... bem de leve.

– Não vai desistir? – ela disse.

– Não vou sossegar enquanto não formos! – ele protestou.

– E você está hospedado neste hotel? – continuou ela. – E é mesmo americano?

O guia ficou encarando Winterbourne de modo ostensivo. O jovem pensou que a sua maneira de olhar era no mínimo uma ofensa à srta. Miller; dava a entender que ela “andava à cata” de novos conhecidos.

– Quero ter a honra de apresentar a senhorita para alguém que vai contar tudo sobre mim – disse ele, sorrindo, referindo-se à sua tia.

– Ah, sim, vamos qualquer dia desses – disse a srta. Miller. E sorriu para ele e virou-se. Ergueu a sombrinha e caminhou de volta para o hotel ao lado de Eugenio. Winterbourne ficou parado, observando-a; e, à medida que ela se afastava, deslizando os falbalás de musselina sobre os seixos, murmurou consigo que ela tinha o porte de uma princesa.

Ele assumira, entretanto, compromisso maior do que se provou possível, ao prometer apresentar a tia, sra. Costello, à srta. Daisy Miller. Logo que a tia melhorou da dor de cabeça, esperou-a no apartamento dela e, depois das perguntas de praxe sobre sua saúde, perguntou se ela observara, no hotel, uma família americana – mãe, filha e um menino.

– E um guia? – disse a sra. Costello. – Ah, sim, claro. Vi, ouvi e fiquei longe delas. – A sra. Costello era uma viúva abastada; pessoa de muita distinção. Costumava insinuar que, não fosse assim tão suscetível a enxaquecas, talvez tivesse deixado marca mais profunda em sua época. Seu rosto era pálido, comprido; o nariz, arrebitado; e usava a abundante e chamativa cabeleira branca em grandes caracóis e *rouleaux* no alto da cabeça. Dois de seus filhos eram casados e moravam em Nova York; o outro estava agora na Europa. Este estava se entretendo em Homburg e, embora estivesse sempre viajando, quase nunca era visto na mesma cidade que a mãe escolhia para visitar. O sobrinho, que apareceu em Vevey no intuito de vê-la, era, pois, mais atencioso do que os filhos, como ela dizia. Em Genebra, ele convencera-se de que uma tia sempre merece atenção. A sra. Costello ficara anos sem vê-lo e estava bastante satisfeita com ele, mostrando sua aprovação iniciando-o em muitos dos segredos da influência social que, como deu a entender, exercia na metrópole americana. Admitia ser muito seletiva; porém, se ele conhecesse Nova York, veria que era preciso. E a minuciosa descrição da hierarquia social que formava aquela cidade, que ela lhe apresentou sob diferentes nuanças, causou, na imaginação de Winterbourne, um espanto quase opressivo.

Logo percebeu, pela sua entonação, que a posição da srta. Daisy Miller na escala social era baixa.

– Acho que a senhora não as aprova – ele disse.

– Elas são muito simples – declarou a sra. Costello. – São a classe de americanos que uma pessoa tem o dever de não... de não aceitar.

– Ah, a senhora não as aceita? – falou o rapaz.

– Não posso, meu caro Frederick. Se pudesse, aceitaria, mas não posso.

– A moça é linda – disse Winterbourne, um instante depois.

– Claro que é linda. Mas muito simples.

– Entendo o que a senhora quer dizer, é claro – disse Winterbourne, após nova pausa.

– Ela tem aquele jeito charmoso que todas têm – continuou sua tia. – Não sei onde o consegue; e se veste de modo irretocável. Não, você não sabe o quanto ela se veste bem. Não sei onde elas aprimoram o gosto.

– Contudo, minha tia querida, ela não é nenhuma comanche selvagem.

– É uma senhorita – disse a sra. Costello – que tem intimidades com o guia da mãe dela.

– Intimidades com o guia? – perguntou o rapaz.

– E a mãe não é melhor! Tratam o guia como amigo da família, como um cavalheiro. Não me surpreenderia se ele sentasse à mesa para jantar com elas. É provável que nunca tenham visto um homem tão parecido com um cavalheiro, de modos tão educados e roupas tão elegantes. Ele deve corresponder à ideia que a moça faz de um conde. À noite, senta-se com elas no jardim. Acho que ele fuma.

Winterbourne escutou com interesse essas informações, as quais ajudaram-no a formar uma opinião sobre a srta. Daisy. Sua falta de cultura era evidente.

– Bem – ele disse –, não sou guia, mas ela foi bem atenciosa comigo.

– Você devia ter dito logo – falou a sra. Costello, com dignidade – que já a conhecia.

– Apenas nos encontramos no jardim e conversamos um pouco.

– *Tout bonnement!*[1] E posso saber o que conversaram?

– Eu disse que tomaria a liberdade de apresentá-la à minha tia que admiro tanto.

– Estou muito envaidecida.

– Foi para garantir minha respeitabilidade – disse Winterbourne.

– E posso saber quem vai garantir a dela?

– Ah, a senhora é cruel! – disse o rapaz. – Ela é uma boa moça.

– Fala como se não acreditasse nisso – a sra. Costello observou.

– Ela é toda rústica – Winterbourne prosseguiu. – Porém, muito bonita e, em poucas palavras, uma boa moça. Para provar que acredito nisso, vou levá-la ao Castelo de Chillon.

– Vocês dois vão juntos até lá? Diria que isso prova bem o contrário. Posso saber há quanto tempo a conhecia quando se formou esse interessante projeto? Não faz um dia que você está no hotel.

– Nos conhecemos meia hora antes! – disse Winterbourne, sorrindo.

– Minha nossa! – exclamou a sra. Costello. – Que moça terrível!

Seu sobrinho calou-se por alguns instantes.

– A senhora pensa mesmo, então – começou, sério, ansioso por informações confiáveis –, pensa mesmo que... – mas fez nova pausa.

– Pensa o quê, senhor? – disse a sua tia.

– Que ela é o tipo de moça que espera, mais cedo ou mais tarde... ser conquistada por um homem?

– Não tenho a mínima ideia do que esse tipo de moça espera que um homem faça. Mas sem dúvida penso que é melhor você não se meter com mocinhas americanas rústicas, como você as chama. Você ficou muito tempo fora do país. Com certeza, vai cometer algum grande engano. É inocente demais.

– Minha cara tia, não sou tão inocente assim – disse Winterbourne, sorrindo e torcendo o bigode.

– É culpado demais, então?

Winterbourne continuou a torcer o bigode, pensativo.

– Quer dizer que a senhora não vai deixar a pobre moça conhecê-la? – perguntou, enfim.

– É mesmo verdade que ela vai ao Castelo de Chillon com você?

– Acho que a intenção é essa.

– Então, meu caro Frederick – disse a sra. Costello –, devo declinar a honra de ser apresentada a ela. Sou idosa, mas não tanto, graças a Deus, a ponto de não me horrorizar!

– Mas todas elas não fazem essas coisas... as moças da América? – indagou Winterbourne.

A sra. Costello encarou-o por um instante.

– Queria ver minhas netas fazendo isso! – asseverou, carrancuda.

Isso pareceu lançar alguma luz sobre o caso, pois Winterbourne lembrava-se ter escutado que as suas belas primas nova-iorquinas eram “tremendas namoradeiras”. Portanto, se a srta. Daisy Miller excedia a licença liberal concedida a essas jovens, era provável que dela se poderia esperar qualquer coisa. Winterbourne estava impaciente para vê-la de novo e decepcionado consigo, pois, por instinto, não a apreciara de modo justo.

Embora estivesse impaciente para vê-la, não tinha ideia do que lhe dizer sobre a recusa da tia em conhecê-la; mas descobriu sem demora que com a srta. Daisy Miller não era necessário ficar cheio de dedos. Ele a encontrou aquela noite no jardim, passeando sob a tépida luz das estrelas, como uma sílfide preguiçosa, balançando de um lado para o outro o maior leque que já vira. Eram dez horas. Havia jantado com a tia, fizera-lhe companhia depois do jantar e acabara de despedir-se com um “até amanhã”. A srta. Daisy Miller pareceu bem contente ao vê-lo; afirmou que nunca passara anoitecer tão demorado.

– Estava sozinha? – ele perguntou.

– Estava caminhando com mamãe, mas mamãe se cansa de caminhar – ela respondeu.

– Ela foi dormir?

– Não; ela não gosta de dormir – disse a jovem. – Não dorme mais do que três horas. Diz que não sabe como sobrevive. É uma pilha de nervos. Acho que ela dorme mais do que pensa. Foi não sei aonde atrás de Randolph; quer tentar convencê-lo a ir para a cama. Ele não gosta de ir para a cama.

– Vamos torcer para que o convença – observou Winterbourne.

– Ela vai tentar falar com ele, mas ele não gosta de ouvi-la – disse a srta. Daisy, abrindo o leque. – Ela vai pedir a Eugenio para falar com ele. Mas ele não tem medo de Eugenio. Eugenio é um guia esplêndido, mas não impressiona muito Randolph! Não acredito que ele vá pra cama antes das onze. – Aparentemente a insônia de Randolph triunfara, pois Winterbourne andou um bom tempo ao lado da moça sem encontrar a sua mãe.

– Estive me informando sobre a senhora a quem você quer me apresentar – recomeçou a sua amiga. – Ela é sua tia. – Então, ao Winterbourne assentir e expressar certa curiosidade sobre como ela descobrira, ela disse que soubera de tudo sobre a sra. Costello por meio da camareira. Ela era bastante recatada e *comme il faut*<sup>[2]</sup>, usava cachos brancos, não falava com ninguém e sempre fazia as refeições no quarto. Dia sim, dia não, atacava-lhe a dor de cabeça. – Acho que é uma descrição adorável, com enxaqueca e tudo! – disse a srta. Daisy, conversando sem parar em sua voz fina e alegre. – Quero muito conhecê-la. Sei bem como *sua* tia deve ser; sei que vou gostar dela. Ela deve ser bem seletiva. Gosto de senhoras seletivas; eu mesma morro de vontade de me tornar seletiva. Bem, nós *somos* seletivas, mamãe e eu. Não falamos com todo mundo, nem eles falam conosco. Acho que é quase a mesma coisa. De qualquer forma, me alegraria muito conhecer sua tia.

Winterbourne estava constrangido.

– Ela ficaria muito feliz – disse ele –, mas temo que as enxaquecas interfiram.

A moça olhou para ele no escuro.

– Não acredito que ela tenha enxaqueca todo dia – afirmou, complacente.

Winterbourne silenciou-se um instante.

– Ela me diz que sim – respondeu, afinal, sem saber o que dizer.

A srta. Daisy Miller deteve-se e ficou olhando para ele. A escuridão não diminuía sua beleza; a moça abria e fechava as varetas do imenso leque.

– Ela não quer me conhecer! – disse, de repente. – Por que você não diz? Não precisa ter medo. Eu não tenho medo! – e soltou um risinho.

Winterbourne fantasiou um tremor na voz dela; estava tocado, emocionado e mortificado.

– Minha querida senhorita – protestou –, ela não tem recebido ninguém. Ela anda mal de saúde.

A moça deu alguns passos, ainda rindo.

– Não precisa ter medo – ela repetiu. – Por que ela iria querer me conhecer? – Então parou de novo, perto do parapeito do jardim; à sua frente, estava o lago iluminado pelas estrelas. Havia um vago reflexo na superfície e, ao longe, mal se distinguiam os contornos das montanhas. Daisy Miller contemplou a misteriosa paisagem e então soltou outro risinho. – Nossa! Ela é seletiva! – disse.

Winterbourne imaginou se ela não estaria mesmo magoada e, por um momento, chegou a desejar que sim, para que pudesse tranquilizá-la e confortá-la. Teve um pressentimento agradável de que suas intenções consolativas seriam bem recebidas. Sentiu-se então, naquele momento, pronto para sacrificar a tia na conversa, admitir que era uma mulher orgulhosa e rude e afirmar que não merecia a atenção deles. Porém, antes que tivesse tempo de comprometer-se com essa perigosa mistura de cortesia e impiedade, a moça, retomando sua caminhada, soltou uma exclamação em tom bem diferente.

– Bem, lá está mamãe! Acho que não consegui levar Randolph para a cama. – A silhueta de uma senhora apareceu a certa distância, indistinta na escuridão, seguindo em um andar lento e vacilante. De repente, pareceu parar.

– Tem certeza de que é sua mãe? Consegue reconhecê-la neste escuro? – perguntou Winterbourne.

– Ora! – exclamou a srta. Daisy Miller, com uma risada. – Acho que conheço minha própria mãe. Ainda mais quando está usando o meu xale! Ela está sempre usando as minhas coisas.

A senhora em questão, interrompendo sua caminhada, ficou rodando, meio perdida, no local onde havia parado.

– Acho que a sua mãe não a está vendo – disse Winterbourne. – Ou talvez – acrescentou, pensando, no caso da srta. Miller, um gracejo admissível –, talvez se sinta culpada por causa do xale.

– Ah, é uma coisa velha e horrível! – a moça respondeu, serena. – Eu disse a ela que podia usar. Ela não vem até aqui porque viu você.

– Se é assim – disse Winterbourne –, é melhor eu ir embora.

– Ah, não, vamos! – pediu a srta. Daisy Miller.

– Acho que sua mãe não aprova a nossa caminhada.

A srta. Miller fitou-o com seriedade.

– Não é por mim, é por você... quer dizer, é por *ela*. Bem, não sei por quem é! Mamãe não gosta de nenhum dos meus amigos homens. Ela é tímida demais. Sempre faz um rebuliço se eu lhe apresento um cavalheiro. Mas eu apresento *sim*... quase sempre. Se eu não apresentasse meus amigos homens para mamãe – acrescentou a jovem, em seu tom doce e monótono –, acho que não seria normal.

– Para me apresentar – disse Winterbourne –, primeiro precisa saber o meu nome. – E deu o nome completo.

– Ah, querido, não consigo dizer tudo isso! – disse a sua amiga, rindo. A essa altura, porém, os dois haviam alcançado a sra. Miller, que, ao notar a aproximação deles, deu-lhes as costas, caminhou até o parapeito do jardim, inclinou-se e olhou, atenta, para o lago. – Mamãe! – disse a moça, em um tom decidido. Em resposta, a senhora de idade virou-se. – Sr. Winterbourne – disse a srta. Daisy Miller, apresentando o rapaz de um jeito franco e simpático. Ela era “simples”, como a sra. Costello a rotulara; contudo, Winterbourne admirou-a, pois, junto à simplicidade, havia uma singular delicadeza.

A mãe de srta. Miller era *mignon*, delgada e graciosa, de olhar dispersivo e nariz diminuto; alguns cabelos finos e crespos adornavam a testa larga. Como a filha, a sra. Miller vestia-se com extrema elegância; usava enormes brincos de brilhantes. Até onde Winterbourne pôde observar, ela não o cumprimentou; sem dúvida não estava lhe dirigindo o olhar. Daisy estava perto dela, arrumando o xale.

– O que está fazendo aqui, bisbilhotando? – indagou a moça, sem a rispidez encerrada na escolha das palavras.

– Não sei – disse a mãe, voltando-se para o lago.

– Nem sonhava que gostasse deste xale! – Daisy exclamou.

– Bem, eu gosto! – a mãe respondeu, com uma pequena risada.

– Consegui fazer Randolph ir dormir? – perguntou a jovem.

– Não, não consegui persuadi-lo – disse a sra. Miller, de modo muito suave. – Ele quer falar com o garçom. Ele gosta de falar com aquele garçom.

– Eu estava mesmo contando ao sr. Winterbourne – prosseguiu a moça, de um jeito que, aos ouvidos do rapaz, soou como se ela tivesse passado a vida toda enunciando o nome dele.

– Ah, sim! – disse Winterbourne. – Tive o prazer de conhecer seu filho.

A mãe de Randolph estava calada; voltara a atenção para o lago; mas, enfim, ela falou:

– Bem, eu não sei como ele consegue!

– Em Dover foi bem pior – disse Daisy Miller.

– E o que aconteceu em Dover? – Winterbourne perguntou.

– Ele não queria dormir nunca. Acho que ficava acordado a noite toda no saguão. O que eu sei é que ele nunca ia dormir antes da meia-noite.

– Só lá pela meia-noite e meia – declarou a sra. Miller, com leve ênfase.

– Ele dorme muito durante o dia? – quis saber Winterbourne.

– Acho que não dorme muito – retrucou Daisy.

– Gostaria que dormisse! – disse sua mãe. – Parece que não consegue.

– Acho que ele é mesmo cansativo – Daisy continuou.

Então, por alguns momentos, houve silêncio.

– Ora, Daisy Miller – disse, pouco depois, a senhora de idade –, nunca pensei que você fosse capaz de falar mal do próprio irmão!

– Bem, ele é cansativo, mãe – disse Daisy, sem a aspereza de uma réplica.

– Ele tem só nove anos – frisou a sra. Miller.

– Bem, ele não quis ir ao castelo – disse a moça. – Vou até lá com o sr. Winterbourne.

A essa plácida declaração, a mãe de Daisy não respondeu. Winterbourne tomou como certa sua profunda desaprovação à excursão planejada; porém, ponderou consigo, ela era uma pessoa simples, com quem seria fácil de lidar, e uns poucos protestos de respeito amenizariam seu desagrado.

– Sim – começou ele –, a sua filha foi gentil em me conceder a honra de ser seu cicerone.

O olhar dispersivo da sra. Miller recaiu com uma espécie de apelo sobre Daisy, que, entretanto, andava alguns passos mais adiante, cantarolando suavemente para si mesma, de lábios fechados.

– Imagino que vão ir de trem – disse sua mãe.

– Sim, ou de barco – disse Winterbourne.

– Bem, é claro, eu não sei – respondeu a sra. Miller. – Nunca estive no castelo.

– É uma pena que a senhora não possa ir – disse Winterbourne, começando a tranquilizar-se em relação a uma possível discordância. E, no entanto, estava já preparado para constatar que, como seria de se esperar, ela desejava acompanhar a filha.

– Temos pensado tanto nesse passeio – ela continuou –, mas parece que nunca conseguimos ir. Claro que Daisy... ela quer passear. Mas há uma senhora aqui, eu não sei o seu nome, mas ela acha que talvez não devêssemos visitar castelos *aqui*; achou que talvez fosse melhor esperar até chegarmos à Itália. Parece que lá há muitos – continuou a sra. Miller, com um ar crescente de confiança. – Queremos visitar apenas os principais, é claro. Vimos vários na Inglaterra – acrescentou logo depois.

– Sim! Na Inglaterra existem castelos maravilhosos – disse Winterbourne. – Mas o Chillon, aqui, vale muito a pena visitá-lo.

– Bem, se Daisy tem vontade – disse a sra. Miller, em um tom de voz impregnado com o senso de importância do evento. – Parece que não há nada que ela não queira fazer.

– Acho que ela vai gostar! – declarou Winterbourne. E desejou cada vez mais a certeza de que teria o privilégio de ficar *tête-à-tête* com a moça, que continuava andando à frente deles, cantarolando suavemente. – A senhora não está disposta – ele indagou – a fazer o passeio?

A mãe de Daisy, por um momento, olhou-o de lado e, então, seguiu adiante em silêncio. Então disse apenas:

– Acho melhor ela ir sozinha.

Winterbourne observou consigo mesmo como era diferente esse tipo de maternidade daquele das matronas vigilantes que se aglomeravam, à vanguarda das relações sociais, na antiga e escura cidade do outro lado do lago. Contudo, suas meditações foram interrompidas ao escutar seu nome distintamente pronunciado pela desprotegida filha da sra. Miller.

– Sr. Winterbourne! – murmurou Daisy.

– Senhorita! – disse o rapaz.

– Não quer me levar para um passeio de barco?

– Agora? – ele perguntou.

– Claro! – disse Daisy.

– Bem, Annie Miller! – exclamou sua mãe.

– Senhora, eu imploro, que a deixe ir – falou Winterbourne, com fervor; pois, até então, jamais desfrutara da sensação de conduzir, sob a luz estelar do verão, um barco a remo, levando, como carga, uma moça bonita e viçosa.

– Não acho que ela queira ir – disse a mãe. – Acho que ela prefere se recolher.

– Tenho certeza que o sr. Winterbourne quer me levar – declarou Daisy. – Ele é tão tremendamente solícito!

– Vamos remar até o Chillon, à luz das estrelas.

– Não acredito! – disse Daisy.

– Bem! – exclamou, de novo, a senhora de idade, com veemência.

– Você não fala comigo há mais de meia hora – continuou a filha.

– Estava tendo uma conversa muito agradável com sua mãe – disse Winterbourne.

– Bem, quero que me leve para passear de barco! – repetiu Daisy. Todos haviam parado; ela se virou e ficou olhando para Winterbourne. O rosto exibía um sorriso charmoso, os olhos bonitos brilhavam, e ela abanava o grande leque. Sim; mais linda, impossível, pensou Winterbourne.

– Há meia dúzia de botes ancorados no píer – disse ele, apontando para os degraus que desciam do jardim ao lago. – Se a senhorita me der a honra de aceitar meu braço, vamos escolher um deles.

Daisy ficou lá parada, sorrindo; jogou a cabeça para trás e deu uma risadinha.

– Gosto quando um homem é cavalheiro! – afirmou ela.

– Posso garantir: é a oferta de um cavalheiro.

– Estava certa de que ia fazê-lo dizer algo – continuou Daisy.

– Percebe que não é muito difícil – disse Winterbourne. – Mas receio que esteja brincando comigo.

– Não penso que ela esteja, senhor – comentou a sra. Miller, gentil.

– Permita-me, então, levá-la a um passeio de barco comigo – disse ele à jovem.

– É adorável o jeito que diz isso! – exclamou Daisy.

– Será ainda mais adorável fazê-lo.

– Sim, seria adorável! – disse Daisy. Mas ela não fez movimento algum para acompanhá-lo; apenas permaneceu onde estava, rindo.

– Acho que é melhor descobrir que horas são – objetou sua mãe.

– São onze horas, madame – disse uma voz, com sotaque estrangeiro, saída da escuridão circundante; e Winterbourne, virando-se, percebeu o vistoso personagem que atendia as duas damas. Ao que parecia, ele se aproximara há pouco.

– Eugenio – disse Daisy –, vou passear de barco!

Eugenio curvou-se:

– Às onze da noite, senhorita?

– Vou com o sr. Winterbourne. Neste exato minuto.

– Diga a ela que não pode – falou a sra. Miller ao guia.

– Seria melhor não passear de barco agora, senhorita – redarguiu Eugenio.

Winterbourne desejou aos céus que essa bela moça não tratasse o guia de modo tão familiar; porém, não disse nada.

– Imagino que considere inadequado! – exclamou Daisy. – Para Eugenio nada é adequado.

– Estou à sua disposição – disse Winterbourne.

– A senhorita está pensando em ir sozinha? – perguntou Eugenio à sra. Miller.

– Ah, não. Com este senhor! – respondeu a mãe de Daisy.

Por um momento, o guia olhou Winterbourne (este pensou que ele sorria) e então, com uma reverência, disse, solene:

– Como a senhorita quiser!

– Ah, eu esperava que o senhor fosse fazer um estardalhaço! – disse Daisy. – Agora não quero mais ir.

– Eu me encarrego de fazer um estardalhaço se a senhorita não for – disse Winterbourne.

– É tudo o que eu quero: um pouco de estardalhaço! – e a moça desatou a rir de novo.

– O sr. Randolph foi para a cama! – comunicou o guia, seco.

– Ah, Daisy; agora podemos ir! – disse a sra. Miller.

Daisy afastou-se de Winterbourne, olhando para ele, sorrindo e se abanando.

– Boa noite – disse ela. – Espero que esteja decepcionado ou desgostoso, ou qualquer coisa!

Ele a mirou, tomando a mão que ela oferecia.

– Estou desconcertado – respondeu.

– Bem, espero que não perca o sono por causa disso! – disse ela, espirituosa; e, sob a escolta do afortunado Eugenio, as duas senhoras passaram em direção ao hotel.

Winterbourne acompanhou-as com o olhar; estava mesmo desconcertado. Demorou-se à margem do lago por um quarto de hora, meditando sobre o mistério das repentinas liberdades e inconstâncias da moça. Contudo, a única conclusão concreta a que chegou foi a de que adoraria “sumir-se” com ela para algum lugar.

Dois dias depois, ele sumiu-se com ela para o Castelo de Chillon. Esperou-a no espaçoso hall do hotel, onde guias, empregados e turistas estrangeiros descansavam e inspecionavam os outros. Não teria escolhido esse lugar, mas ela o

indicara. Ela desceu a escada com passos rápidos, abotoando as luvas compridas, apertando a sombrinha junto à silhueta elegante, vestida na perfeição de um sóbrio traje de viagem. Winterbourne era homem de imaginação e, como nossos antepassados costumavam dizer, de sensibilidade; enquanto contemplava, na grande escadaria, aquele vestido, aqueles passos ligeiros, confiantes, sentiu algo romântico acontecendo. Ele podia até mesmo ter acreditado que estavam fugindo para se casarem em segredo. Passou com ela em meio a todo o pessoal ocioso ali reunido – todos os olhares se fixaram em Daisy; ela começara a conversar assim que se juntou a ele. Winterbourne teria preferido a carruagem, mas ela queria muito ir de barco – declarou que amava barcos a vapor. A bordo sempre soprava uma brisa tão agradável, e se enxergava sempre tanta gente. O trajeto de barco não era demorado, mas a companhia de Winterbourne encontrou tempo para falar de várias coisas. Para o rapaz, a pequena excursão tinha um quê de escapada – de aventura –, sensação que ele, mesmo considerando o habitual senso de liberdade da srta. Miller, esperava que ela compartilhasse. Porém, era preciso confessar que, nesse particular, ficou decepcionado. Daisy Miller estava animadíssima, com uma vivacidade cativante, mas não aparentava estar nem um pouco agitada emocionalmente; não estava alvoroçada; não evitava o seu olhar nem o de ninguém; não ruborizava ao olhar para ele nem ao perceber que as pessoas a olhavam. As pessoas não paravam de olhar para ela, e agradava a Winterbourne o ar distinto de sua bela companhia. Estivera apreensivo, com medo de que ela falasse alto, risse demais e, talvez, quisesse ficar andando pelo barco. Logo, porém, esqueceu seus receios; sentou-se, sorrindo, sem tirar os olhos do rosto da moça, enquanto ela, sem sair do lugar, ia enfileirando uma série de reflexões originais. Foi a tagarelice mais charmosa que já ouvira. Aceitara a ideia de que ela era “simples”; mas, afinal, ela era mesmo ou ele estava apenas se acostumando à sua simplicidade? O estilo de seu discurso era o que os metafísicos chamam de objetivo; de vez em quando, porém, adquiria caráter subjetivo.

- Por que diabos está tão sério? – ela perguntou, de repente, fixando os bonitos olhos nos olhos de Winterbourne.
- Estou sério? Tive a impressão de que estava sorrindo de uma orelha a outra.
- Pela sua cara, parece que está me levando a um velório. Se isso é sorrir, suas orelhas estão muito perto uma da outra.
- Queria que eu comesse a dançar no convés?
- Por favor, comece, e eu vou passar o seu chapéu. Para pagar as despesas da viagem.
- Nunca estive tão contente em minha vida – murmurou Winterbourne.

Ela olhou para ele um instante e então explodiu em uma risadinha.

- Gosto de fazê-lo dizer essas coisas! Você é uma mistura esquisita!

No castelo, depois de desembarcarem, o elemento subjetivo passou a prevalecer. Daisy saltitou nas câmaras com abóbadas por teto; roçou as saias nas escadas espiraladas; jogou o corpo para trás com um tremor e um gritinho simpático, à beira das *oubliettes*[3], e deixou as bem-desenhadas orelhas atentas a tudo o que Winterbourne contava sobre o lugar. Ele notou, porém, que ela pouco se importava com as antiguidades feudais, e que as sombrias tradições de Chillon causavam nela somente uma tênue impressão. Tiveram a sorte de poder explorar o local sem outra companhia além do guarda; e Winterbourne combinou com o funcionário para que não os apressasse – que os deixasse demorar-se e parar onde bem entendessem. O guarda interpretou o acerto de modo generoso (Winterbourne, por sua vez, fora generoso) e terminou por deixá-los a sós. As intervenções da srta. Miller não se sobressaíam pela consistência lógica; para qualquer coisa que quisesse falar, era certo que arranjava um pretexto. Ela encontrou muitos pretextos, nos desvãos acidentados do Chillon, para fazer a Winterbourne perguntas inesperadas sobre ele – sua família, história de vida, gostos, hábitos, intentos – e fornecer informações sobre os pontos correspondentes de sua própria pessoa. Acerca dos seus gostos, hábitos e intentos, a srta. Miller estava preparada para dar o relatório mais exato e, decerto, o mais vantajoso.

– Puxa, como você é detalhista! – ela disse ao acompanhante, depois que ele lhe contou a história do infeliz Bonivard. – Nunca vi homem que soubesse tanto! – É evidente que a história de Bonivard havia, como se diz, entrado por um ouvido e saído pelo outro. Mas Daisy prosseguiu dizendo que gostaria que Winterbourne viajasse e “circulasse” com eles; assim eles poderiam aprender algo. – Não gostaria de vir e ensinar Randolph? – perguntou ela. Winterbourne disse que nada poderia agradá-lo mais; mas que, com pesar, outras ocupações o esperavam. – Outras ocupações? Não acredito! – disse a srta. Daisy. – O que quer dizer? Não está viajando a negócios. – O rapaz admitiu que não estava viajando a negócios; porém, tinha compromissos que, em um ou dois dias, o forçariam a retornar a Genebra. – Mas que chatice! – disse ela. – Eu não acredito! – e começou a falar sobre outro assunto. Pouco depois, entretanto, enquanto ele lhe chamava a atenção para o excelente modelo de uma lareira antiga, ela disparou, sem mais nem menos: – Quer dizer que vai mesmo voltar para Genebra?

- É desolador, mas tenho de retornar para Genebra amanhã.

– Bem, sr. Winterbourne – disse Daisy –, o senhor é nojento!

- Não diga uma coisa dessas! – disse Winterbourne. – Justo em nosso primeiro passeio.

– Primeiro! – exclamou a moça. – Diria o último. Estou com vontade de deixá-lo aqui e voltar sozinha para o hotel agora mesmo. – E pelos próximos dez minutos ela não fez nada além de chamá-lo de nojento. O pobre Winterbourne ficou bastante desnorteado; nenhuma moça até então lhe dera a honra de ficar tão agitada pela simples informação de seu ir e vir. A sua acompanhante, depois disso, parou de prestar atenção às curiosidades do Chillon ou às belezas do lago; abriu fogo contra a

misteriosa e encantadora pessoa de Genebra, que, havia concluído com absoluta certeza, ele estava com pressa de reencontrar. Como a srta. Miller sabia da pessoa em Genebra? Winterbourne, que negou a existência de tal pessoa, não tinha como descobrir; estava dividido entre a surpresa pela rapidez de sua inferência e o divertimento pela franqueza de seu *persiflage*[4]. Nisso tudo, ela parecia ser uma mescla rara de inocência e grosseria. – Ela nunca lhe permite mais do que três dias de cada vez? – perguntou Daisy, com ironia. – Não lhe dá umas férias no verão? Mesmo pessoas que trabalham demais conseguem licença para viajar nesta época do ano. Suponho que, se ficar mais um dia, ela vem buscar você de barco. Fique até sexta-feira, e vou até o píer vê-la chegar! – Winterbourne começou a pensar que fora um engano sentir-se decepcionado com o estado de espírito com que a moça havia iniciado a jornada. Se antes não percebera o toque pessoal, o toque pessoal estava agora aparecendo. E ficou bem evidente, afinal, quando ela disse que pararia de “provocá-lo” se ele fizesse a promessa solene de visitá-la em Roma no inverno.

– Não é uma promessa difícil de fazer – disse Winterbourne. – Minha tia alugou um apartamento em Roma para o inverno e já me convidou para visitá-la.

– Não quero que vá pela sua tia – disse Daisy. – Quero que vá por mim.

E essa seria a única alusão que o rapaz a escutaria fazer à sua hostil parente. Afirmou que, fosse como fosse, com certeza apareceria. Depois disso, Daisy parou de provocar. Winterbourne chamou uma carruagem, e rumaram a Vevey no lusco-fusco; a moça estava muito calada.

À noite, Winterbourne mencionou à sra. Costello que havia passado a tarde no Chillon, com a srta. Daisy Miller.

– Os americanos... do guia? – perguntou a tia.

– Ah, por sorte – disse Winterbourne –, o guia ficou no hotel.

– Ela foi sozinha com você?

– Sozinha.

A sra. Costello aspirou um pouco em seu frasco de cheiro.

– E essa – exclamou ela – é a moça que você queria me apresentar!

Winterbourne, que retornara a Genebra no dia seguinte à sua excursão ao Chillon, viajou a Roma no finzinho de janeiro. Sua tia se instalara lá várias semanas antes, e ele recebera duas cartas dela. “Aquela gente que no último verão você tratou com tanta devoção em Vevey apareceu aqui, com guia e tudo”, escreveu ela. “Parece que já têm vários conhecidos, mas o guia continua sendo o mais *intime*. A moça, porém, está também muito à vontade com alguns italianos de terceira categoria, com quem fica proseando de um jeito que dá muito o que falar. Não esqueça de me trazer aquele excelente romance de Cherbuliez (*Paule Méré*) nem se atreva a chegar depois do dia 23.”

Na sequência natural dos fatos, Winterbourne, chegando a Roma, teria logo apurado o endereço da sra. Miller junto ao banqueiro americano e teria apresentado seus cumprimentos à srta. Daisy.

– Depois do que aconteceu em Vevey, acho que posso visitá-las – disse, dirigindo-se à sra. Costello.

– Se, depois de tudo o que aconteceu, em Vevey ou em qualquer lugar, você quer manter a amizade, isso é uma decisão sua. Um homem pode conhecer todo mundo, é claro. Aos homens, é dada essa prerrogativa!

– Pode me dizer, por favor, o que afinal está acontecendo aqui? – inquiriu Winterbourne.

– A moça está sempre para lá e para cá, passeando sozinha com seus estrangeiros. Sobre o que acontece depois, recomendo que procure informações com outra pessoa. Ela arrecadou meia dúzia dos tradicionais caça-dotes de Roma e os carrega consigo às casas das pessoas. Quando vai a uma festa, leva junto um cavalheiro de muitos bons modos e um formidável bigode.

– E onde está a mãe?

– Não tenho a mínima ideia. São pessoas muito horrorosas.

Winterbourne meditou um momento.

– Elas ignoram os costumes... são apenas muito ingênuas. Vendo-se por esse ângulo, não são más pessoas.

– A vulgaridade delas é incorrigível – disse a sra. Costello. – Se ter ou não uma vulgaridade incorrigível faz de alguém “má pessoa”, isso é uma questão para os metafísicos. De qualquer modo, são vulgares o suficiente para não se gostar delas; e, para esta nossa vida curta, já basta.

A notícia de que Daisy Miller estava cercada de meia dúzia de estupendos bigodes conteve o impulso de Winterbourne de ir vê-la de imediato. Talvez não estivesse completamente convencido de ter causado impressão indelével no coração dela, mas ficou contrariado em saber de uma situação tão destoante com a imagem que borboleteava em seus pensamentos nos últimos dias: a imagem de uma linda moça debruçada a uma antiga janela romana, perguntando-se, aflita, quando chegaria o sr. Winterbourne. Se, entretanto, resolveu esperar um pouco antes de lembrar à srta. Miller que tinha direito a ser levado em consideração por ela, tratou logo de retomar outras duas ou três amizades. Entre essas, uma senhora americana que passara vários invernos em Genebra, onde colocara os filhos na escola. Ela era uma consumada dama e morava na Via Gregoriana. Winterbourne foi recebido em uma sala de visitas pequena e escarlate, no terceiro piso da casa; a sala, que dava para o sul, estava ensolarada. Estava ali há menos de dez minutos quando o criado entrou, anunciando “Madame Mila!”. Esse aviso foi acompanhado, logo após, da entrada do pequeno Randolph Miller, que parou no meio da sala com os olhos fixos em Winterbourne. No instante seguinte, sua linda irmã cruzou a soleira da porta; e então, após intervalo considerável, a sra. Miller entrou devagar.

– Eu conheço você! – disse Randolph.

– Tenho certeza de que conhece muitas coisas – exclamou Winterbourne, tomando a sua mão. – Como vão os estudos?

Daisy trocava afáveis cumprimentos com a anfitriã; mas foi só escutar a voz de Winterbourne que virou a cabeça, de súbito.

– Ora – disse ela –, quem diria!

– Eu disse que vinha – retrucou Winterbourne, com um sorriso.

– Bem... eu não acreditei – disse a srta. Daisy.

– Fico muito agradecido por isso – riu-se o rapaz.

– Devia ter ido me ver! – disse Daisy.

– Só cheguei ontem.

– Não acredito nisso! – declarou a moça.

Winterbourne dirigiu um sorriso de protesto para a mãe dela; porém, esta senhora evitou seu olhar e, sentando-se, concentrou os olhos no filho.

– Nós temos uma casa maior do que esta – disse Randolph. – E as paredes estão forradas de ouro.

A sra. Miller ajeitou-se inquieta em sua cadeira.

– Não disse? Sabia que, se trouxesse você, ia acabar dizendo das suas! – ela murmurou.

– Eu disse a *você!* – exclamou Randolph. – Estou dizendo a *você*, senhor! – acrescentou, de maneira debochada, acertando um tapa no joelho de Winterbourne. – E também é maior!

Daisy entabulara animada conversa com a anfitriã; Winterbourne julgou apropriado dirigir algumas palavras à mãe dela.

– Espero que a senhora tenha passado bem desde que nos despedimos em Vevey – disse ele.

Desta vez, a sra. Miller sem dúvida olhou para ele... para o seu queixo.

– Não muito bem, senhor – ela respondeu.

– Ela tem indigestão – disse Randolph. – Eu também tenho. Papai tem. A minha é pior!

Essa declaração, em vez de constranger a sra. Miller, pareceu aliviá-la.

– Sofro do fígado – disse ela. – Acho que o clima aqui é menos revigorante do que em Schenectady, sobretudo no inverno. Não sei se o senhor sabe, moramos em Schenectady. Há pouco eu dizia a Daisy que com certeza não encontrei ninguém como o dr. Davis e acho que não vou encontrar. Ah, em Schenectady ele é muito conceituado; as pessoas falam muito bem dele. É ocupadíssimo, e assim mesmo não tinha nada que não fizesse por mim. Disse que nunca viu nada igual às minhas indigestões, mas estava determinado a curá-las. Tenho certeza que ele tentaria de tudo. Contudo, quando ele ia experimentar um novo tratamento, nós viajamos para cá. O sr. Miller queria que Daisy conhecesse a Europa. Porém, como escrevi ao sr. Miller, tenho a impressão de que não vou conseguir passar sem o dr. Davis. Em Schenectady, ele é o melhor dos melhores; e tem muita doença por lá. Perturba o meu sono.

Winterbourne teve boa dose de tagarelice patológica com a paciente do dr. Davis, enquanto Daisy matraqueava sem parar com quem a ouvia. O rapaz perguntou à sra. Miller se estava gostando de Roma.

– Bem, reconheço que estou decepcionada – ela respondeu. – Nos falaram tantas coisas; acho que nos falaram coisas demais. Não é nossa culpa. Esperávamos algo diferente.

– Ah, espere um pouco, e vão gostar muito – disse Winterbourne.

– Cada dia eu odeio mais e mais! – gritou Randolph.

– Você parece um Aníbal bebê – disse Winterbourne.

– Pareço não! – protestou Randolph, ao acaso.

– Você não parece um bebê – disse a mãe. – Mas já estivemos em muitos lugares – ela continuou – que eu colocaria bem antes de Roma. – E, em resposta à interrogação de Winterbourne: – Zurique, por exemplo – observou. – Acho Zurique adorável; e é uma cidade bem menos comentada.

– O melhor lugar que conhecemos foi o *City of Richmond!* – falou Randolph.

– Ele quer dizer o navio – explicou a mãe. – Fizemos a travessia naquele navio. Randolph se divertiu a bordo do *City of Richmond*.

– É o melhor lugar que eu vi até agora – repetiu a criança. – Só que estava indo para o lado errado.

– Bem, uma hora dessas vamos ir para o lado certo – disse a sra. Miller, com uma risadinha. Winterbourne expressou o desejo de que ao menos sua filha estivesse encontrando alguma alegria em Roma, e ela afirmou que Daisy estava encantada. – É a sociedade. A sociedade é esplêndida. Ela passeia por todos os lugares; fez várias amizades. Claro que ela sai mais do que eu. Preciso reconhecer, as pessoas têm sido muito sociáveis; receberam Daisy muito bem. E ela conhece muitos dos cavalheiros. Ah, para ela não há nada como Roma. Claro, é muito mais agradável para uma moça se ela conhece vários cavalheiros.

A essa altura, Daisy voltara sua atenção de novo para Winterbourne.

– Estava contando à sra. Walker como você é cruel! – falou a moça.

– E que prova disso você ofereceu? – perguntou Winterbourne, aborrecido com a falta de reconhecimento da srta. Miller à dedicação de um admirador que, a caminho de Roma, não visitara nem Bolonha, nem Florença, devido a uma certa impaciência sentimental. Lembrou que certa vez um compatriota cínico lhe dissera que as mulheres americanas (as bonitas, o que ampliava o alcance da máxima) eram, ao mesmo tempo, as mais exigentes e as mais ingratas do mundo.

– Ora, você foi muito cruel em Vevey – disse Daisy. – Não fez nada por mim. Não ficou lá quando eu pedi.

– Minha diletta senhorita – exclamou Winterbourne, com eloquência –, percorri o longo caminho até Roma para ouvir suas censuras?

– Olhe só ele dizer isso! – falou Daisy à anfitriã, endireitando um laço do vestido desta senhora. – Já ouviu coisa mais esquisita?

– Esquisita, minha querida? – murmurou a sra. Walker, em um tom solidário a Winterbourne.

– Bem, não sei – disse Daisy, mexendo nos laços da sra. Walker. – Sra. Walker, quero lhe contar uma coisa.

– Mãe – interpôs-se Randolph, arrastando a seu modo o fim das palavras. – Está na hora da senhora ir. Eugenio vai começar a discutir!

– Não tenho medo de Eugenio – falou Daisy, com um gesto brusco de cabeça. – Pois então, sra. Walker – continuou ela –,

a senhora sabe que vou vir à sua festa.

– Fico encantada em saber.

– Consegui um lindo vestido.

– Tenho certeza que sim.

– Mas quero lhe pedir um favor... licença para trazer alguém.

– Vou ficar contente em receber qualquer pessoa do seu círculo de amizades – disse a sra. Walker, voltando-se para a sra. Miller, com um sorriso.

– Ah, não são amigas minhas – respondeu a mãe de Daisy, num sorriso tímido, bem ao seu estilo. – Nunca nem conversei com eles!

– É meu amigo chegado. O sr. Giovanelli – disse Daisy, sem qualquer tremor na vozinha límpida ou sombra no rostinho radiante.

A sra. Walker ficou quieta por um momento e lançou um olhar rápido a Winterbourne.

– Vou ficar feliz em receber o sr. Giovanelli – afirmou então.

– É um italiano – prosseguiu Daisy, com a mais elegante serenidade. – É um grande amigo meu... o homem mais bonito do mundo... depois do sr. Winterbourne! Ele conhece muitos italianos, mas quer conhecer alguns americanos. Tem muita admiração pelos americanos. É muito inteligente. Uma pessoa adorável!

Ficou combinado que esse brilhante personagem seria trazido à festa da sra. Walker, e então a sra. Miller preparou-se para ir embora.

– Acho que vamos voltar para o hotel – disse ela.

– A senhora pode voltar para o hotel, mamãe, mas eu vou dar um passeio – disse Daisy.

– Ela vai passear com o sr. Giovanelli – declarou Randolph.

– Vou ao Pincio – falou Daisy, sorrindo.

– Sozinha, querida... a uma hora dessas? – perguntou a sra. Walker. A tarde chegava ao fim; era a hora do tropel das carruagens e dos pedestres contemplativos. – Não me parece seguro, querida – disse a sra. Walker.

– Nem a mim – endossou a sra. Miller. – Vai ficar doente, tão certo como respira. Lembre-se do que o dr. Davis lhe disse!

– É só dar um remédio pra ela antes de ela ir – disse Randolph.

As visitas se levantaram; Daisy, ainda exibindo os dentes bonitos, curvou-se e beijou a anfitriã.

– Sra. Walker, a senhora é perfeita demais – disse ela. – Não vou sozinha; vou me encontrar com um amigo.

– Seu amigo não tem como impedir que você fique doente – ponderou a sra. Miller.

– É o sr. Giovanelli? – perguntou a anfitriã.

Winterbourne estava observando a moça; a essa pergunta a atenção dele redobrou. Ela ficou ali parada, sorrindo e alisando as fitas da touca; deu uma olhada para Winterbourne. Então, enquanto olhava e sorria, respondeu, sem a menor sombra de hesitação:

– O sr. Giovanelli... o belo Giovanelli.

– Minha querida amiga – disse a sra. Walker, pegando sua mão, suplicante –, não vá ao Pincio nesta hora encontrar-se com um belo italiano.

– Bem, ele fala inglês – disse a sra. Miller.

– Nossa! – exclamou Daisy. – Não quero fazer nada de inconveniente. Tem um jeito fácil de resolver isso. – Ela continuou a olhar para Winterbourne. – O Pincio fica a apenas cem metros daqui e, se o sr. Winterbourne fosse tão bem educado como ele diz que é, se ofereceria para me acompanhar!

Os bons modos de Winterbourne apressaram-se em se afirmar, e a moça, de modo gracioso, concedeu-lhe licença para acompanhá-la. Desceram as escadas à frente da mãe dela, e, na porta, Winterbourne notou a carruagem da sra. Miller a postos, com o decorativo guia, cujo conhecimento travara em Vevey, em seu interior.

– Tchau, Eugenio! – exclamou Daisy. – Vou dar uma vultinha. – De fato, a distância desde a Via Gregoriana até o bonito jardim na outra extremidade do Monte Pincio era pequena. Entretanto, como o dia estava esplendoroso, e a afluência de veículos e pedestres, com e sem destino certo, era numerosa, eles tiveram o passeio prolongado. Esse fato foi muito propício a Winterbourne, embora estivesse consciente de sua situação inusitada. A arrastada e indolentemente curiosa multidão da capital italiana prestou muita atenção à belíssima forasteira que passeava de braços dados com ele; e ele ficou imaginando o que afinal se passava na cabeça de Daisy quando se prontificava a expor-se, desacompanhada, ao escrutínio da multidão. A única missão dele, na visão da srta. Miller, era consigná-la às mãos do sr. Giovanelli; mas Winterbourne, ao mesmo tempo aborrecido e lisonjeado, decidiu que não faria tal coisa.

– Por que não veio me ver? – perguntou Daisy. – Quero ver você se sair dessa.

– Já tive a chance de lhe contar que acabo de descer do trem.

– Você deve ter ficado no trem um bom tempo depois que ele parou! – exclamou a moça, com seu risinho. – Quem sabe estava dormindo; mas pra ir ver a sra. Walker arranjou tempo.

– Conheci a sra. Walker... – Winterbourne começou a explicar.

– Eu sei de onde você a conhece. Você a conheceu em Genebra. Ela me contou. Bem, você me conheceu em Vevey. Pra mim, dá na mesma. Tinha a obrigação de aparecer. – Ela não lhe fez outra pergunta além dessa; começou a conversar sobre seus próprios assuntos. – Conseguimos quartos ótimos no hotel; Eugenio diz que são os melhores quartos em Roma. Vamos ficar todo o inverno (se não ficarmos pesteados); e assim eu acho que vamos ficar. É bem melhor do que eu pensava; pensava que seria quieto demais; apostava que seria um tédio. Achei que ficaríamos o tempo todo zanzando com um daqueles velhotes decrépitos que explicam sobre os quadros e as coisas. Porém, só tivemos uma semana disso, e agora estou me divertindo. Conheço muitas pessoas, e elas são encantadoras. A sociedade é bem seletiva. Tem gente de todo tipo: ingleses, e alemães, e italianos. Acho que prefiro os ingleses. Gosto do jeito que eles conversam. Mas tem uns americanos fascinantes. Nunca vi nada tão hospitaleiro. Todo dia sempre tem uma coisa ou outra. Não tem muita dança; mas a verdade é que eu nunca achei que dançar fosse tudo no mundo. Sempre adorei conversar. Acho que vou poder conversar bastante na festa da sra. Walker... ela tem salas tão pequenas. – Quando ultrapassaram o portão dos Jardins do Pincio, a srta. Miller começou a se perguntar onde estaria o sr. Giovanelli. – É melhor irmos reto até aquele lugar ali na frente – ela disse –, de onde se enxerga a vista.

– Não conte comigo para ajudar a procurá-lo – avisou Winterbourne.

– Então vou encontrá-lo sem você – disse a srta. Daisy.

– Por certo não vai me abandonar! – protestou Winterbourne.

Ela soltou seu risinho.

– Está com medo de se perder ou de ser atropelado? Lá está Giovanelli, escorado naquela árvore. Ele está encarando as mulheres das carruagens: já viu algo mais perfeito?

Winterbourne percebeu a certa distância um homenzinho parado, de braços cruzados, acariciando sua bengala. Tinha o rosto bonito, o chapéu cuidadosamente ajeitado na cabeça, monóculo e um ramallete na botoeira da lapela. Winterbourne olhou-o por um momento e então disse:

– Tem certeza de que quer falar com aquele homem?

– Se tenho certeza de que quero falar com ele? Ora, você não está achando que eu quero me comunicar por sinais?

– Por favor, compreenda, então – falou Winterbourne –, que pretendo continuar com você.

Daisy parou e fitou-o, sem um resquício sequer de consciência pesada no rosto; só com o olhar encantador e as covinhas contentes. “Como ela é fria!”, pensou o rapaz.

– Não gosto de como você fala isso – disse Daisy. – É um jeito autoritário.

– Peço desculpas se me expresso mal. O objetivo maior é dar uma ideia do que eu quero dizer.

A moça observou-o com seriedade, mas com olhos nunca tão lindos.

– Jamais permiti a um cavalheiro que me ditasse ordens ou interferisse em qualquer coisa que eu fizesse.

– Acho que comete um engano – disse Winterbourne. – Devia, às vezes, escutar um cavalheiro. O cavalheiro certo.

Daisy desatou a rir de novo. – Escutar cavalheiros é só o que faço! – exclamou.

– Diga-me: o sr. Giovanelli é o cavalheiro certo?

O cavalheiro de ramallete na lapela percebera agora nossos dois amigos e aproximava-se da moça com diligência servil. Fez uma mesura a Winterbourne, assim como à companhia deste; seu sorriso era brilhante, seu olhar, inteligente; Winterbourne concluiu que não era um sujeito de má aparência. Entretanto, disse a Daisy:

– Não, ele não é o cavalheiro certo.

Daisy, claro, tinha um talento natural para fazer apresentações; mencionou o nome de cada um dos amigos ao outro. Caminhou com um de cada lado; o sr. Giovanelli, que falava inglês com muita habilidade (mais tarde Winterbourne soube que ele praticara o idioma junto a várias herdeiras americanas), dirigiu a ela boa quantidade de absurdos educados; era civilizado ao extremo, e o jovem americano, que nada disse, refletiu sobre esse alcance da esperteza italiana que possibilita às pessoas deixarem tão mais transparente a simpatia quanto mais profunda a decepção. Giovanelli, está claro, contava com algo mais íntimo; não havia negociado um passeio a três. Contudo, manteve seu humor de um modo que sugeria a melhor das intenções. Winterbourne felicitou-se por ter avaliado certo o italiano. “Ele não é um cavalheiro”, ponderou o rapaz americano, “é apenas uma imitação esperta. É um tocador de piano, um escrevinhador, um artista de terceira linha. Dane-se a sua boa aparência!” O sr. Giovanelli tinha sem dúvida um belo rosto; mas Winterbourne sentiu uma superioridade indignada ao ver que sua linda conterrânea não percebia a diferença entre um cavalheiro falso e outro verdadeiro. Giovanelli conversava e contava piadas e esforçava-se para agradar. Era verdade que, se ele era uma imitação, a imitação era bem convincente. “Entretanto,” Winterbourne ponderou consigo, “uma boa moça deveria saber!”. E então retornou à questão se essa era de fato uma boa moça. Será que uma boa moça (mesmo se ela fosse uma americana namoradeira) marcaria um encontro com um estrangeiro cuja laia presumia-se duvidosa? Nesse caso, o encontro fora, na verdade, em plena luz do dia e na esquina mais frequentada

de Roma; mas não era possível considerar a escolha dessas circunstâncias uma prova de aguçado cinismo? Por mais que parecesse estranho, Winterbourne irritou-se, pois a moça, ao encontrar seu *amoroso*, não pareceu impaciente por tê-lo junto; e irritou-se consigo mesmo por ter essa expectativa. Era impossível considerá-la uma moça de conduta insuspeita; faltava-lhe certa sutileza indispensável. Portanto, tudo seria mais simples se pudesse tratá-la como o objeto de um daqueles sentimentos chamados pelos romancistas de “paixões clandestinas”. Se ela tivesse se empenhado em livrar-se dele, isso o ajudaria a pensar nela com desprezo, e ser capaz de pensar nela com desprezo a tornaria bem menos desconcertante. Nessa ocasião, porém, Daisy continuou demonstrando ser uma imperscrutável combinação de audácia e inocência.

Ela caminhava há quinze minutos, cercada de atenção por seus dois admiradores, respondendo, como pareceu a Winterbourne, em um tom de alegria pueril, aos bonitos discursos do sr. Giovanelli, quando uma carruagem que se desprendera do fluxo encostou ao lado do caminho. No mesmo instante, Winterbourne percebeu que a sua amiga, a sra. Walker (a senhora cuja casa ele deixara há pouco), estava sentada no veículo, acenando-lhe. Saiu do lado de srta. Miller e apressou-se a atender ao chamado. A sra. Walker estava afogueada; exibia um ar alvoroçado.

– É horrível demais – ela disse. – Aquela moça não pode fazer este tipo de coisa. Não pode caminhar aqui, ao lado de vocês, dois homens. Umas cinquenta pessoas notaram.

Winterbourne franziu a testa.

– É uma pena fazer tanto estardalhaço por isso.

– É uma pena deixar a moça se perder!

– Ela é muito ingênua – disse Winterbourne.

– Ela é muito louca! – exclamou a sra. Walker. – Por acaso já viu pessoa mais burra do que a mãe dela? Depois que vocês todos saíram, agora há pouco, não consegui sossegar pensando nisso. Me pareceu lamentável demais nem ao menos tentar salvá-la. Chamei a carruagem, coloquei a touca e vim para cá o mais rápido que pude. Graças a Deus encontrei vocês!

– O que a senhora pretende fazer conosco? – perguntou Winterbourne, sorrindo.

– Pedir a ela que entre, rodar com ela por aqui, por meia hora, para que o mundo possa ver que ela não está completamente solta, e então levá-la em segurança para casa.

– Não creio que seja uma ideia muito feliz – disse Winterbourne –, mas a senhora pode tentar.

A sra. Walker tentou. O rapaz foi atrás da srta. Miller, que havia apenas acenado com a cabeça, sorrido para a senhora na carruagem e continuado a caminhar com o italiano. Daisy, ao saber que a sra. Walker queria falar com ela, retrocedeu em seus passos, com uma graça perfeita e com o sr. Giovanelli ao lado. Afirmou que estava encantada por ter uma chance de apresentar o cavalheiro à sra. Walker. Sem cerimônias, procedeu à apresentação e falou que nunca vira na vida algo tão gracioso como a manta da carruagem da sra. Walker.

– Fico feliz que tenha gostado – disse a senhora, com um sorriso doce. – Vai entrar e me deixar colocá-la em seu colo?

– Ah, não, obrigada – disse Daisy. – Vou apreciar mais ver a senhora passeando com ela.

– Entre e vamos dar uma volta – falou sra. Walker.

– Seria ótimo, mas também está ótimo assim como estou – e Daisy lançou um olhar luminoso aos cavalheiros que a ladeavam.

– Pode ser encantador, minha filha, mas não é o costume aqui – insistiu a sra. Walker, inclinando-se para a frente em sua vitória, com as mãos entrelaçadas como as de uma devota.

– Ora, mas então devia ser! – disse Daisy. – Se não caminho, eu morro.

– Devia caminhar com sua mãe, querida – ergueu a voz a senhora de Genebra, perdendo a paciência.

– Com minha mãe querida! – exclamou a moça. Winterbourne notou que ela podia farejar uma intromissão. – Minha mãe nunca caminhou nem dez passos na vida. E, além disso, a senhora sabe – acrescentou rindo –, não tenho mais cinco anos de idade.

– Tem idade suficiente para ser mais razoável. Tem idade suficiente, querida Daisy Miller, para andar na boca do povo. Daisy olhou para a sra. Walker com um sorriso intenso nos lábios.

– Na boca do povo? O que a senhora quer dizer?

– Entre na minha carruagem que eu lhe conto.

Daisy lançou de novo um rápido olhar a um e a outro cavalheiro, cada qual de um lado. O sr. Giovanelli inclinava-se para frente e para trás, acariciava as luvas e ria de modo simpático; Winterbourne considerou a cena extremamente desagradável.

– Prefiro não saber o que a senhora quer dizer – falou Daisy em seguida. – Algo me diz que eu não iria gostar.

Winterbourne desejou que a sra. Walker se acomodasse com a manta da carruagem e fosse embora; essa senhora, porém, não apreciava ser desafiada, como ela mesma depois lhe contou.

– Prefere ser considerada uma moça muito inconsequente? – perguntou ela.

– Nossa! – exclamou Daisy. Olhou de novo Giovanelli, então voltou-se para Winterbourne. Um leve rubor róseo revelava-se em seu rosto; ela estava incrivelmente bonita. – O sr. Winterbourne acha – perguntou devagar, sorrindo, jogando a

cabeça para trás e olhando-o dos pés à cabeça – que... para salvar a minha reputação... devo entrar na carruagem?

Winterbourne corou; por um momento hesitou bastante. Parecia tão estranho escutá-la falando daquele jeito de sua “reputação”. De fato, porém, ele próprio devia falar de acordo com o cavalheirismo. O cavalheirismo mais requintado, aqui, era apenas dizer-lhe a verdade; e a verdade, para Winterbourne, pelas poucas indicações que consegui fornecer ao leitor para que o conhecesse, era que Daisy Miller deveria aceitar o conselho da sra. Walker. Contemplou sua rara beleza e então pronunciou de modo gentil:

– A meu ver, deve entrar na carruagem.

Daisy deu uma risada violenta.

– Nunca ouvi coisa tão formal! Se isso é inadequado, sra. Walker – ela prosseguiu –, então sou toda inadequada, e a senhora deve desistir de mim. Até logo; desejo à senhora um ótimo passeio! – e seguiu adiante com o sr. Giovanelli, que fez uma saudação ao mesmo tempo obsequiosa e triunfante.

A sra. Walker ficou sentada observando ela se afastar, e seus olhos estavam rasos d’água.

– Entre, senhor – pediu a Winterbourne, indicando o lugar a seu lado.

O rapaz respondeu que se sentia compelido a acompanhar a srta. Daisy; ao que a sra. Walker declarou que, se recusasse esse favor a ela, nunca mais falaria com ele de novo. Era claro que estava falando sério. Winterbourne alcançou Daisy e seu amigo e, estendendo a mão à moça, contou-lhe que a sra. Walker requisitara com voz de comando a companhia dele. Esperou que, em resposta, ela fosse dizer algo bem leve e solto, algo que a ligasse ainda mais à “inconsequência” da qual a sra. Walker havia de forma tão caridosa se empenhado em dissuadi-la. Mas ela apenas apertou sua mão, mal olhando para ele, enquanto o sr. Giovanelli despediu-se dele meneando o chapéu com um floreio exagerado.

Winterbourne não estava no seu melhor humor quando tomou seu lugar na vitória de sra. Walker.

– Isso foi pouco inteligente de sua parte – disse, espontâneo, enquanto o veículo misturava-se de novo ao movimento das carruagens.

– Nesse caso – sua companhia respondeu –, não quero ser inteligente, quero ser *honesta!*

– Bem, sua honestidade apenas ofendeu e gerou antipatia.

– Foi bom ter acontecido assim – disse a sra. Walker. – Se ela está mesmo tão determinada a se expor, quanto mais cedo se souber, melhor; pode-se agir de acordo.

– Acho que ela não fez por mal – retorquiu Winterbourne.

– Eu também achava, um mês atrás. Mas ela está indo longe demais.

– O que ela anda fazendo?

– Tudo que não se faz aqui. Flerta com todo homem que consegue atrair; senta-se nos cantos com italianos suspeitos; dança a noite toda com os mesmos rapazes; recebe visitas às onze da noite. Sua mãe sai quando as visitas chegam.

– Mas o irmão dela – disse Winterbourne, rindo – fica acordado até a meia-noite.

– O que o menino presencia deve ser muito edificante. Disseram que no hotel delas todos estão comentando sobre ela e que um sorriso corre entre os empregados quando um cavalheiro aparece e pergunta pela srta. Miller.

– O diabo que os carregue! – disse Winterbourne, com raiva. – O único defeito da pobre moça – logo acrescentou – é ser muito inculta.

– E indelicada por natureza – asseverou a sra. Walker. – Tome aquele exemplo hoje de manhã. Por quanto tempo estive em Vevey?

– Uns poucos dias.

– Imagine, então, levar para o lado pessoal o fato de você ter ido embora do lugar!

Winterbourne ficou quieto por alguns momentos; então disse:

– Estou achando, sra. Walker, que a senhora e eu moramos muito tempo em Genebra! – E pediu para que ela lhe informasse com que objetivo específico o havia feito entrar em sua carruagem.

– Queria pedir a você que cortasse as relações com a srta. Miller. Não flertasse com ela, não desse a ela nova oportunidade de se expor, que a deixasse em paz, enfim.

– Desculpe, mas não posso fazer isso – disse Winterbourne –, eu gosto muito dela.

– Mais uma razão para não ajudá-la a fazer um escândalo.

– Não tem nada de escandaloso nas minhas atenções a ela.

– Com certeza, tem no modo com que ela as recebe. Mas eu disse o que estava em minha consciência – prosseguiu a sra. Walker. – Se quer voltar a reunir-se com a moça, eu o deixo descer. Bem aqui, a propósito, o senhor tem uma chance.

A carruagem estava atravessando aquela parte dos Jardins do Pincio que se projeta sobre o muro de Roma e contempla do alto a bonita Vila Borguese. É orlada por um vasto parapeito, próximo ao qual existem vários bancos de praça. Um dos bancos, ao longe, estava ocupado por um cavalheiro e uma dama; a sra. Walker sacudiu a cabeça na direção deles. No mesmo instante, essas pessoas se levantaram e rumaram ao parapeito. Winterbourne havia pedido ao cocheiro que parasse; neste

momento, apeou da carruagem. A sra. Walker olhou-o por um momento em silêncio; então, enquanto ele erguia o chapéu, afastou-se, majestosa, em sua carruagem. Winterbourne ficou lá parado; havia voltado o olhar na direção de Daisy e seu cavalheiro. Os dois não perceberam ninguém, claro; estavam muito entretidos um com o outro. Quando alcançaram a parte inferior do muro do jardim, permaneceram um tempo admirando os grandes capões de pinheiros de copas achatadas da Vila Borguese; então Giovanelli sentou-se sem cerimônias sobre a larga borda do muro. Ao oeste, à sua frente, o sol lançava um feixe brilhante de luz entre as listras de nuvens; ao que o acompanhante de Daisy tomou a sombrinha das mãos dela e abriu-a. Ela chegou-se mais perto, e ele segurou a sombrinha sobre ela; então, ainda segurando-a, descansou o cabo da sombrinha no ombro dela, de forma que as cabeças dos dois ficaram escondidas de Winterbourne. Este demorou-se um pouco, então começou a andar. Contudo, caminhou não em direção ao casal com a sombrinha – e sim rumo à residência de sua tia, a sra. Costello.

Tentou se convencer, no dia seguinte, de não ter notado sorrisos entre os empregados quando perguntou pela sra. Miller no hotel. Essa senhora e a filha, entretanto, não estavam, e, no outro dia, após repetir a visita, Winterbourne outra vez teve o infortúnio de não achá-las. A festa da sra. Walker aconteceu na noite do terceiro dia, e, apesar da frieza do último encontro com a anfitriã, Winterbourne era um dos convidados. A sra. Walker era daquelas damas americanas que, conquanto residissem no estrangeiro, faziam questão de, como elas diziam, estudar a sociedade europeia; e desta vez ela havia colecionado variados espécimes de mortais, de nacionalidades diversas, para servirem, por assim dizer, de livro-texto. Quando Winterbourne chegou, Daisy Miller não estava lá; mas pouco depois viu a mãe dela chegar sozinha, muito tímida e pesarosa. O cabelo da sra. Miller, acima das têmporas expostas, estava cacheado como nunca. Enquanto ela se aproximava da sra. Walker, Winterbourne também chegou perto.

– Como a senhora vê, fui obrigada a vir sozinha – disse a pobre sra. Miller. – Estou tão assustada; não sei o que fazer; é a primeira vez que estou desacompanhada em uma festa... ainda mais neste país. Eu queria trazer Randolph ou Eugenio, ou qualquer outra pessoa, mas Daisy simplesmente me obrigou a vir sozinha. Não estou acostumada a andar só.

– E a sua filha não pretende nos dar a honra de sua companhia? – perguntou a sra. Walker, de modo significativo.

– Bem, Daisy está vestida para a festa – disse a sra. Miller, com aquele toque de historiadora controlada, para não dizer calma, com que ela sempre registrava os fatos recentes da trajetória da filha. – Foi de propósito que ela se aprontou antes do jantar. Ela está com um amigo; aquele cavalheiro, o italiano, que ela queria trazer junto. Eles ficaram se divertindo ao piano; dava a impressão de que não conseguiam parar. O sr. Giovanelli tem uma voz magnífica. Mas acho que logo eles vão aparecer – concluiu a sra. Miller, esperançosa.

– Sinto muito que ela apareça... dessa maneira – falou a sra. Walker.

– Bem, eu disse a ela que não havia razão para se arrumar antes do jantar, se ela ia esperar três horas – respondeu a mãe de Daisy. – Não vi o motivo de ela colocar aquele vestido só para fazer sala ao sr. Giovanelli.

– Que coisa mais horrível! – disse a sra. Walker, desviando o olhar e dirigindo-se a Winterbourne. – *Elle s'affiche*[1]. É sua vingança por eu ter me aventurado a censurá-la. Quando ela chegar, não vou falar com ela.

Daisy apareceu depois das onze, mas ela não era, em tais ocasiões, moça de ficar esperando alguém lhe falar. Irrompeu com encanto radiante, sorrindo e conversando, carregando um grande ramallete, acompanhada do sr. Giovanelli. Todos se calaram e voltaram os olhares para ela. Ela foi direto à sra. Walker.

– Fiquei com medo de a senhora pensar que eu não viria, então mandei a mamãe na frente para avisar. Queria que o sr. Giovanelli praticasse algumas coisas antes de vir; a senhora sabe, ele é um cantor maravilhoso; quero que a senhora peça a ele para cantar. Este é o sr. Giovanelli, a senhora sabe, eu já o apresentei; ele tem a voz mais encantadora e conhece o repertório mais adorável. Fiz com que ele ensaiasse esta noite, de propósito; nos divertimos muito no hotel. – Daisy falou tudo isso com a dicção mais doce e mais límpida, olhando ora a anfitriã, ora a sala ao redor, enquanto dava uma série de tapinhas em torno de seus ombros até as franjas de seu vestido. – Tem alguém que eu conheço? – ela perguntou.

– Acho que todos conhecem você! – disse, de modo sugestivo, a sra. Walker e deu um cumprimento superficial ao sr. Giovanelli.

Esse cavalheiro portou-se de modo galante. Sorriu, curvou o corpo, exibiu os dentes brancos, torceu os bigodes, revirou os olhos e executou todas as funções apropriadas a um italiano vistoso em uma noite de festa. Entoou meia dúzia de lindas canções, embora a sra. Walker mais tarde tenha se declarado incapaz de descobrir a pedido de quem. Não havia sido Daisy quem dera ordens, ao que tudo indica. Daisy sentou-se longe do piano e, embora houvesse, por assim dizer, professado em público grande admiração pelo canto do rapaz, não baixou a voz para conversar enquanto ele cantava.

– É uma pena que estas salas sejam tão pequenas; não podemos dançar – ela disse a Winterbourne, como se o tivesse encontrado cinco minutos antes.

– Não estou triste por não poder dançar – respondeu Winterbourne. – Eu não danço.

– Claro que não dança, você é cheio de formalidades – disse srta. Daisy. – Espero que tenha gostado do passeio com a sra. Walker.

– Não, não gostei; teria preferido caminhar com você.

– Formamos dois pares, e foi melhor assim – disse Daisy. – Já viu coisa tão antipática quanto a pretensão da sra. Walker de me fazer entrar na sua carruagem e largar o pobre do sr. Giovanelli, e sob o pretexto de que era o mais apropriado? As pessoas têm ideias tão diferentes! Teria sido muito indelicado; ele vinha falando havia dez dias nesse passeio.

– Ele nem devia ter falado sobre isso – falou Winterbourne. – Ele nunca convidaria uma moça daqui para andar com ele pela rua.

– Pela rua? – exclamou Daisy, com seu olhar bonito. – Por onde, então, ele convidaria uma moça para andar? De qualquer forma, o Pincio não é uma rua, e eu, ainda bem, não sou daqui. É incrível como as moças deste país o aproveitam pouco, pelo que pude perceber, e não vejo por que modificar meus hábitos por causa *delas*.

– Receio que os seus hábitos sejam de eterno flerte – disse Winterbourne, com gravidade.

– Claro que são – ela exclamou, fixando nele mais uma vez seu olharzinho sorridente. – Flerto faceira e fagueira! Conhece alguma boa moça que não flerte? Imagino que vai dizer agora que não sou boa moça.

– É muito boa moça, mas gostaria que flertasse comigo, e só comigo – disse Winterbourne.

– Ah! Obrigada, muitíssimo obrigada; você é o último homem com quem eu pensaria em flertar. Como já tive o prazer de informar, você é formal demais.

– Vive repetindo isso – disse Winterbourne.

Daisy deu uma risada deliciosa.

– Se eu tivesse a doce esperança de deixar você irritado, diria de novo.

– Não faça isso; quando fico irritado, sou mais formal do que nunca. Mas se você não quer flertar comigo, ao menos pare de flertar com seu amigo ao piano; aqui as pessoas não entendem esse tipo de coisa.

– Pensava que era só disso que entendessem! – exclamou Daisy.

– Não em se tratando de moças solteiras.

– Me parece mais adequado a moças solteiras do que a velhas casadas – afirmou Daisy.

– Bem – disse Winterbourne –, em Roma faça como os romanos. Flertar é costume genuinamente americano; aqui, isso não existe. Assim, quando se exhibe em público com o sr. Giovanelli, e sem a sua mãe...

– Nossa! Pobre mamãe! – interrompeu Daisy.

– Embora você possa estar flertando, o sr. Giovanelli não está; as intenções dele são outras.

– Ele não está me dando sermão, de qualquer modo – disse Daisy, com vivacidade. – E, se faz mesmo questão de saber, nenhum de nós dois está flertando; somos amigos demais para isso; somos amigos muito chegados.

– Ah – rebateu Winterbourne –, se vocês estão apaixonados um pelo outro, aí já é outro caso.

Até aqui ela lhe permitira ser tão franco que ele não esperava que essa frase a melindrasse; mas, na mesma hora, ela se ergueu, corando visivelmente, fazendo-o exclamar, em pensamento, que as namoradeiras americanas eram as criaturas mais excêntricas do mundo.

– Pelo menos, o sr. Giovanelli – disse ela, lançando a seu interlocutor um único olhar – jamais diria uma coisa desagradável dessas para mim.

Winterbourne estava perplexo; ficou ali parado, olhar fixo. O sr. Giovanelli terminou a cantoria; abandonou o piano e aproximou-se de Daisy.

– Não quer ir até a outra sala tomar chá? – perguntou, curvando-se à frente dela com seu sorriso ornamental.

Daisy virou-se para Winterbourne, começando a sorrir de novo. Ele ficou ainda mais perplexo, pois, se este sorriso inconsequente não esclarecia nada, parecia provar, na verdade, que nela havia uma doçura e uma suavidade que por instinto se convertiam em perdão às ofensas.

– O sr. Winterbourne não foi capaz de me oferecer chá – disse ela, com seu jeitinho torturante.

– Ofereci conselho – retorquiu Winterbourne.

– Prefiro chá fraco! – exclamou Daisy e sumiu-se com o brilhante Giovanelli.

Sentou-se com ele na sala contígua, no vão da janela, pelo resto da noite. Houve uma apresentação interessante ao piano, mas nenhum desses jovens prestou atenção. Quando Daisy veio despedir-se da sra. Walker, esta, conscienciosa, corrigiu a fraqueza cometida na hora da chegada da moça. Deu as costas à srta. Miller, deixando-a ir embora com a graça que tivesse. Winterbourne, parado junto à porta, viu tudo. Daisy empalideceu e olhou para a mãe, mas a sra. Miller estava humildemente alheia a quaisquer violações das normas de etiqueta. Entretanto, pareceu ter sentido um impulso incongruente de chamar a atenção para seu próprio admirável respeito a elas.

– Boa noite, sra. Walker – falou ela –, tivemos uma noite maravilhosa. Como a senhora pode ver, se deixo a Daisy ir sozinha às festas, não quero que vá embora sem mim. – Daisy deu meia-volta, olhando a roda de pessoas perto da porta com o rosto pálido e sério; Winterbourne notou que, naquele primeiro momento, ela estava muito abalada e confusa para demonstrar indignação. Ele, por sua vez, estava bastante comovido.

– Isso foi muito cruel – ele disse à sra. Walker.

– Ela nunca mais põe os pés na minha casa – respondeu a anfitriã.

Já que não a encontraria na sala de visitas da sra. Walker, Winterbourne passou a ir, tão frequentemente quanto possível, ao hotel da sra. Miller. Raras vezes as damas estavam no hotel, mas, quando as encontrava, o devotado Giovanelli sempre estava presente. Em muitas ocasiões, o refinado italianinho estava a sós com Daisy na sala de visitas, a sra. Miller sendo de opinião constante, ao que parece, de que a discrição deveria ser a maior parte da vigilância. No começo Winterbourne

percebeu, com surpresa, que Daisy, nessas ocasiões, não ficava incomodada ou constrangida com sua chegada, mas logo passou a sentir que ela não lhe surpreendia mais; o inesperado no comportamento dela era a única coisa a se esperar. Ela não deixava transparecer desagrado pela interrupção de seu *tête-à-tête* com Giovanelli; sua conversa era livre e espontânea tanto com dois cavalheiros quanto com um; havia sempre, em sua conversa, a mesma estranha mescla de audácia e ciancice. Winterbourne observou consigo que, se ela estava mesmo interessada em Giovanelli, era muito curioso que não se empenhasse mais em preservar a privacidade de seus encontros; o que mais lhe encantava nela era a indiferença meio inocente e o bom humor quase inesgotável. Era difícil explicar o porquê, mas ela lhe passava a impressão de que jamais seria ciumenta. Arriscando provocar um sorriso um tanto irônico no leitor, posso afirmar que, a respeito das mulheres que até então haviam despertado o interesse de Winterbourne, com muita frequência lhe pareceu possível que, sob certas circunstâncias, devia ficar com medo – literalmente medo – dessas mulheres. Tinha a sensação agradável de que nunca sentiria medo de Daisy Miller. Acrescente-se que esse sentimento não era de todo lisonjeiro a Daisy; era parte da certeza, ou melhor, da apreensão, de que ela provasse ser uma moça despreocupada.

Porém, era visível o grande interesse dela por Giovanelli. Olhava para ele sempre que ele falava; estava sempre lhe pedindo para fazer isto ou aquilo; estava sempre zombando e “pegando no pé” dele. Parecia ter esquecido por completo que Winterbourne havia dito algo para aborrecê-la na festinha da sra. Walker. Uma tarde de domingo, depois de ir à Basílica de São Pedro com a tia, Winterbourne viu Daisy passeando perto da grande igreja em companhia do inevitável Giovanelli. Em seguida ele indicou a moça com seu admirador à sra. Costello. Essa senhora observou-os um momento através de seu monóculo e então disse:

– Por isso que você anda tão pensativo, não é?

– Eu nem desconfiava que andava pensativo – disse o rapaz.

– Está muito preocupado, ruminando alguma coisa.

– E o que é – perguntou ele – que a senhora me acusa de estar ruminando?

– O amor secreto daquela moça, srta. Baker, srta. Chandler... como é mesmo o nome dela? ...srta. Miller, com aquele insignificante manequim de perucas.

– A senhora chama de secreto – Winterbourne perguntou – um romance que se desenrola com publicidade tão peculiar?

– Isso não é mérito deles – disse a sra. Costello –, é doidice.

– Não – retorquiu Winterbourne, com algo da preocupação à qual sua tia havia aludido. – Não acho que exista algo como um amor secreto.

– Várias pessoas me falaram disso; o que dizem é que ela está caída por ele.

– Eles sem dúvida são muito próximos – disse Winterbourne.

A sra. Costello inspecionou de novo o jovem casal com seu instrumento óptico. – Ele é muito bonito. É fácil ver o que aconteceu. Ela pensa que ele é o homem mais elegante do mundo, o cavalheiro mais fino. Nunca viu nada como ele; é melhor até do que o guia. É provável que o guia o tenha apresentado, e, se ele conseguir se casar com a moça, o guia recebe uma comissão graúda.

– Não acredito que ela pense em se casar com ele – disse Winterbourne – e não acredito que ele queira se casar com ela.

– Pode ter certeza de que ela não pensa em nada. Vive dia a dia, hora a hora, como se fazia nos anos dourados. Não consigo imaginar nada mais vulgar. E, ao mesmo tempo – acrescentou a sra. Costello –, pode apostar que a qualquer hora ela aparece e diz a você que está “noiva”.

– Acho que Giovanelli não espera tanto – disse Winterbourne.

– Quem é Giovanelli?

– O italianinho. Andei me informando sobre ele e descobri algumas coisas. Aparentemente, é um homenzinho bastante respeitável. Acredito que seja um *cavaliere avvocato*[2] sem importância, ele não atua nos círculos da alta. Acho que não é mesmo de todo impossível que tenha sido o guia quem o apresentou. Está na cara que está encantado, enfeitiçado pela srta. Miller. Se ela pensa que ele é o cavalheiro mais refinado do mundo, ele, por sua vez, nunca conheceu antes tanta grandeza, tanta fartura, tanta extravagância, como as dessa jovem. E é por isso que ela deve lhe parecer linda, maravilhosa e interessante. Tenho minhas dúvidas se ele sonha em se casar com ela. Para ele, isso seria como tirar a sorte grande. Não tem nada a oferecer além da fachada bonita, e tem um polpudo sr. Miller lá naquela misteriosa terra de dólares. Giovanelli sabe que não tem um título a oferecer. Se ao menos ele fosse conde ou *marchese*! Ele deve se admirar da própria sorte pelo modo como as pessoas intervêm a seu favor.

– Ele justifica isso com seu rosto bonito e pensa que a srta. Miller é uma jovem *qui se passe ses fantaisies*![3] – disse a sra. Costello.

– É bem verdade – prosseguiu Winterbourne – que Daisy e sua mãe ainda não chegaram àquele estágio de... como vou dizer? ...cultura, no qual a ideia de agarrar um conde ou um *marchese* toma forma. Acho que elas não têm capacidade intelectual para conceber um plano desses.

– Ah, mas o *cavaliere* pode não achar isso – disse a sra. Costello.

Da observação ativada pelo “amor secreto” de Daisy, Winterbourne reuniu naquele dia na Basílica indícios suficientes. Uma dúzia de americanos estabelecidos em Roma foram falar com a sra. Costello, que se sentou em um banquinho portátil, à base de uma das grandes pilastras. A missa vespertina prosseguia em excelentes cânticos e acordes de órgão na câmara vizinha, e, nesse intervalo, a sra. Costello e seus amigos muito comentaram sobre a pobrezinha srta. Miller estar mesmo indo “longe demais”. Winterbourne não gostou do que ouviu; mas quando, ao sair, descendo os imponentes degraus da igreja, vislumbrou Daisy, que saíra antes dele, entrar em um cabriolé aberto com seu cúmplice e sair rodando pelas ruas cínicas de Roma, teve de concordar que ela estava mesmo indo longe demais. Sentiu muita pena dela; não exatamente por acreditar que ela tivesse perdido todo o juízo, mas porque era doloroso testemunhar que algo tão belo, desprotegido e natural estivesse destinado a ocupar uma posição vulgar nas categorias dos distúrbios de comportamento. Depois disso, tentou avisar a sra. Miller. Um dia, encontrou no Corso um amigo (turista como ele) que recém saíra do Palácio Dória, onde estivera passeando pela bonita galeria. Seu amigo falou por um momento sobre o soberbo retrato de Inocente X, pintado por Velázquez, pendurado em um dos gabinetes do palácio, e então disse:

– E na mesma sala, a propósito, tive o prazer de admirar uma pintura de outro tipo: aquela americana linda que você me mostrou semana passada. – Em resposta às perguntas de Winterbourne, seu amigo contou que a linda garota americana (mais linda do que nunca) estava sentada, acompanhada de um homem, no nicho isolado onde o grande retrato papal era conservado como relíquia.

– Quem estava com ela? – perguntou Winterbourne.

– Um romano baixinho com um ramallete na lapela. A moça é uma visão deliciosa, mas, pelo que você me disse outro dia, imaginava que ela fosse uma jovem *du meilleur monde*[4].

– E ela é! – respondeu Winterbourne; e, ao assegurar-se de que seu informante havia visto Daisy e seu acompanhante há apenas cinco minutos, pegou um cabriolé e foi fazer uma visita à sra. Miller. Ela estava no hotel, mas desculpou-se por recebê-lo na ausência de Daisy.

– Ela saiu para algum lugar com o sr. Giovanelli – falou a sra. Miller. – Ela está sempre passeando com o sr. Giovanelli.

– Notei que eles são muito próximos – observou Winterbourne.

– Ah! Parece que não conseguem viver um sem o outro! – disse a sra. Miller. – Bem, de qualquer forma, ele é um verdadeiro cavalheiro. Eu vivo dizendo à Daisy que ela está noiva!

– E o que ela diz?

– Ah, ela diz que não está noiva; mas podia muito bem estar! – continuou essa mãe imparcial. – Ela se comporta como se estivesse. Contudo, fiz o sr. Giovanelli prometer me contar, caso *ela* não se comporte. Penso que está na hora de escrever ao sr. Miller contando, não é o que você faria?

Winterbourne respondeu que sim, com certeza; e o estado de espírito da mãe de Daisy pareceu-lhe tão sem precedentes na história da vigilância materna que ele considerou totalmente irrelevante a tentativa de colocar Daisy sob a guarda da mãe.

Depois disso, Daisy nunca estava no hotel, e Winterbourne parou de encontrá-la nas casas dos conhecidos em comum, porque, como pôde perceber, esse povo atilado se convencera de que ela estava indo longe demais. Pararam de convidá-la, insinuando querer demonstrar aos olhos europeus a grande verdade: não obstante a srta. Daisy Miller ser uma jovem americana, o comportamento dela não era representativo, sendo considerado anormal mesmo por seus compatriotas. Winterbourne perguntava-se como ela se sentia em relação a todas as pessoas que a haviam esnobado, e às vezes incomodava-o suspeitar que ela nem se importara. Dizia a si mesmo que ela era muito desligada e infantil, muito inculta e imprudente, muito provinciana, para refletir sobre seu ostracismo ou até mesmo para notá-lo. Então, em outros momentos, acreditava que ela trazia, no seu pequeno, elegante e irresponsável ser, uma desafiadora, apaixonada e bem atenta consciência da impressão que causava. Perguntava-se se a rebeldia de Daisy vinha da percepção de sua inocência ou do fato de ser, em essência, o tipo de jovem inconsequente. Ficar agarrando-se à crença de que Daisy era “inocente”, deve-se admitir, parecia cada vez mais a Winterbourne uma questão de cortesia bem engendrada. Como teve ocasião de relatar, ele se irritava por ver-se reduzido a deter-se em minúcias no tocante a essa moça; angustiava-o a sua falta de convicção instintiva para determinar o quanto das excentricidades dela era genérico, cultural, e o quanto era pessoal. De ambos os pontos de vista, ele, sem saber o porquê, não conseguira entendê-la, e agora era tarde demais. Ela havia sido “conquistada” pelo sr. Giovanelli.

Poucos dias depois da breve visita à mãe de Daisy, ele a encontrou naquela bela residência de solitude em flor, conhecida como Palácio dos Césares. A incipiente primavera de Roma inundara o ar de viço e perfume, e a superfície irregular das pedras palacianas estava recoberta de tenro verdor. Daisy caminhava ao longo do alto de um daqueles grandes amontoados de ruínas que são circundados de mármore limoso e pavimentados com inscrições monumentais. Naquele instante teve a sensação de que Roma nunca fora tão adorável. Continuou a contemplar a encantadora harmonia de linhas e cores que envolve ao longe os contornos da cidade, inspirando os odores úmidos e suaves, sentindo o frescor da estação e a antiguidade do local reafirmarem-se em um composto misterioso. Pareceu-lhe também que Daisy nunca estivera tão linda; mas essa

observação ele fazia sempre que a encontrava. Giovanelli estava ao lado dela, e o próprio Giovanelli também apresentava um raro brilho.

– Bem – disse Daisy –, eu devia imaginar que você estaria solitário!

– Solitário? – perguntou Winterbourne.

– Está sempre andando sozinho. Por que não consegue alguém para passear com você?

– Não tenho tanta sorte – disse Winterbourne – como o seu amigo.

Giovanelli, desde o começo, sempre tratou Winterbourne com destacada polidez; escutava com ar respeitoso as suas observações; ria, cheio de escrúpulos, de seus gracejos; parecia disposto a testemunhar a favor da superioridade de Winterbourne. Nunca se comportou como um pretendente ciumento; era óbvio que tinha muito tato; não tinha objeção quanto à expectativa de que ele tivesse um pouco de humildade. Certas vezes, inclusive, pareceu a Winterbourne que Giovanelli teria encontrado certo alívio intelectual se pudesse ter com ele uma conversa particular; para dizer-lhe, como homem inteligente, que, Deus vos abençoe, *ele* sabia o quão extraordinária era essa jovem senhorita e que não alimentava desejos ilusórios (ou ao menos *tão* ilusórios) de casamento e dólares. Dessa vez, afastou-se de sua amiga para arrancar um raminho florido de amendoeira para fixá-lo com cuidado na lapela.

– Sei por que diz isso – disse Daisy, observando Giovanelli. – Porque pensa que ando muito com *ele*! – E acenou a cabeça na direção de seu acompanhante.

– Todo mundo pensa assim, se é que você se importa com a opinião dos outros – disse Winterbourne.

– Claro que eu me importo! – exclamou Daisy, séria. – Mas eu não acredito. Eles só fingem que estão chocados. Na verdade, não dão a mínima para o que eu faço. Além do mais, não saio tanto assim.

– Creio que vai descobrir que eles se importam, sim. E vão lhe mostrar... de modo desagradável.

Daisy olhou-o por um momento.

– Como assim, de modo desagradável?

– Não percebeu nada? – perguntou Winterbourne.

– Percebi você. Mas, desde a primeira vez que nos vimos, percebi que era inflexível como um guarda-chuva.

– Vai descobrir que, comparado aos outros, não sou tão inflexível – disse Winterbourne, sorrindo.

– Como vou descobrir?

– Visitando os outros.

– O que eles vão me dizer?

– Eles vão lhe virar as costas. Sabe o que isso significa?

Daisy olhava-o, atenta; ela começou a corar.

– Quer dizer aquilo que a sra. Walker fez na outra noite?

– Exato! – disse Winterbourne.

Ela desviou o olhar para Giovanelli, que estava se condecorando com sua flor de amendoeira. Então olhou de volta para Winterbourne e disse:

– Acho que você não permitiria que as pessoas fossem tão indelicadas!

– Como posso impedir? – perguntou ele.

– Acho que você diria alguma coisa.

– Pois lhe digo uma coisa – e fez uma pausa. – Digo que sua mãe me disse que ela acredita que você está noiva.

– Bem, ela acredita mesmo – disse Daisy, muito singela.

Winterbourne começou a rir.

– E Randolph também acredita? – ele perguntou.

– Acho que Randolph não acredita em nada – disse Daisy. O ceticismo de Randolph provocou ainda mais risos em Winterbourne; observou que Giovanelli se aproximava. Daisy, ao notar isso também, dirigiu-se ao compatriota. – Já que mencionou – ela falou –, eu *estou* noiva. – Winterbourne olhou para ela e não estava mais achando graça. – Você não acredita! – acrescentou ela.

Ele ficou quieto um tempo e então disse:

– Sim, eu acredito!

– Não, não acredita – ela respondeu. – Ora, então... eu não estou!

A moça e seu cicerone estavam a caminho do portão do parque, de forma que Winterbourne, que recém havia chegado, nesse momento despediu-se deles. Uma semana depois, foi jantar em uma bela casa de campo no Monte Célio e, ao chegar, dispensou o veículo de aluguel. O anoitecer estava mágico, e Winterbourne resolveu permitir-se o prazer de retornar para casa caminhando sob o Arco de Constantino e passando à frente dos mal iluminados monumentos do Fórum. Um fino véu de nuvens cobria a lua minguante no céu, entremeando e espalhando seu tênue esplendor. Quando, em seu retorno da casa de campo (eram onze horas), Winterbourne aproximou-se do círculo escuro do Coliseu, ocorreu-lhe, como amante do pitoresco, que

valeria a pena, sob o pálido luar, ver o seu interior. Saiu de sua rota e caminhou rumo a um dos arcos vazios, próximo ao qual, como observou, um carro aberto – um dos pequenos cabriolés urbanos de Roma – estava estacionado. Então, entrou pelas sombras cavernosas da grande estrutura e apareceu na ampla e silenciosa arena. O lugar nunca havia lhe parecido tão impressionante. Metade do gigantesco circo estava em profundo breu; a outra dormia na bruma luminosa. No tempo em que ficou lá, começou a murmurar os famosos versos de Byron, tirados do poema *Manfred*; mas antes de terminar a citação, lembrou-se de que, se as meditações noturnas no Coliseu são recomendadas pelos poetas, são condenadas pelos médicos. A atmosfera histórica estava lá, sem dúvida; porém, a atmosfera histórica, do ponto de vista científico, não era melhor do que um impudismo infame. Winterbourne caminhou até o meio da arena, para dar uma olhada mais geral, com a intenção de se retirar. A enorme cruz central estava imersa na sombra; só a distinguiu claramente à medida que se aproximou. Então viu que duas pessoas estavam paradas à frente dos degraus inferiores que constituíam sua base. Uma delas era uma mulher, sentada; o homem que a acompanhava permanecia de pé, à frente dela.

Neste exato momento, o som de uma voz feminina lhe veio, distinta, no ar cálido da noite.

– Bem, ele nos olha como os velhos leões ou tigres devem ter olhado os mártires cristãos!

Foram essas as palavras que ouviu, no familiar sotaque da srta. Daisy Miller.

– Vamos torcer para que ele não esteja faminto – respondeu o inventivo Giovanelli. – Serei a primeira vítima; você, a sobremesa!

Winterbourne parou, com certo horror e, diga-se de passagem, com certo alívio. Foi como se um raio súbito tivesse iluminado a ambiguidade do comportamento de Daisy, tornando o enigma fácil de deslindar. Ela era uma jovem que não mais merecia o esforço de um cavalheiro em respeitá-la. Ficou ali parado olhando para eles, sem refletir que, embora os visse de modo indistinto, ele próprio devia estar mais visível. Ficou com raiva de si por ter se importado tanto com a maneira correta de considerar a srta. Daisy Miller. Então, quando começou a prosseguir, deteve-se, não pelo receio de ser injusto com ela, mas pela sensação do perigo de demonstrar alegria inconveniente por este abandono repentino da avaliação cautelosa. Deu a volta em direção à entrada do lugar; mas, ao fazer isso, ouviu Daisy falar de novo.

– Ora, era o sr. Winterbourne! Ele fez que não me viu!

Que espertinha perversa ela era, e quão inteligente o modo com que encarnava uma inocência ofendida! Mas ele não a evitaria. Winterbourne retornou e foi em direção à grande cruz. Daisy levantara-se; Giovanelli ergueu o chapéu. Winterbourne havia agora começado a pensar apenas na loucura, do ponto de vista da saúde pública, de uma moça delicada passeando, à noite, naquele ninho de malária. E se ela fosse uma espertinha perversa? Isso não era motivo para ela morrer da *perniciosa*[5].

– Há quanto tempo estão aqui? – perguntou, de maneira quase brusca.

Daisy, adorável sob o luar que a iluminava com requinte, olhou-o por um instante. Então respondeu, gentil:

– A noite toda... nunca vi nada tão bonito.

– Me desculpe – disse Winterbourne –, mas você não vai achar a febre romana nem um pouco bonita. É assim que se pega a febre. Muito me admira – continuou, voltando-se para Giovanelli – um romano encorajar uma imprudência dessas.

– Ah – disse o simpático nativo –, de minha parte, não tenho medo.

– Nem eu... por você! Estou falando por esta moça.

Giovanelli ergueu suas bem configuradas sobrancelhas e mostrou os dentes brilhantes. Porém, recebeu a crítica de Winterbourne com docilidade.

– Eu disse à *signorina* que era uma grave imprudência; mas quando a *signorina* alguma vez usou de cautela?

– Nunca fiquei doente e nem pretendo ficar! – afirmou a *signorina*. – Pode não parecer, mas sou saudável! Estava determinada a ver o Coliseu ao luar; não queria ir para casa antes de fazer isso; e tivemos uma noite maravilhosa, não foi, sr. Giovanelli? Se há algum perigo, Eugenio pode me dar alguns comprimidos. Ele tem uns comprimidos ótimos.

– Eu recomendo – disse Winterbourne – que vá logo para casa e tome um!

– O que o senhor diz é muito sábio – disse Giovanelli. – Vou ver se a carruagem está pronta. – E se foi, rápido.

Daisy seguiu atrás com Winterbourne. Ele continuou olhando para ela; não aparentava estar nem um pouco constrangida. Winterbourne nada falou; Daisy comentou sobre a beleza do lugar.

– Bem, eu vi o Coliseu ao luar! – exclamou. – Isso valeu a pena. – Então, ao notar o silêncio de Winterbourne, ela perguntou por que ele não falava. Ele não respondeu; apenas começou a rir. Passaram sob uma das arcadas escuras; Giovanelli estava à frente, com a carruagem. Aqui, Daisy parou um pouco, olhando o americano. – Acreditou *mesmo* que eu estava noiva, outro dia? – ela perguntou.

– Não interessa no que acreditei naquele dia – disse Winterbourne, ainda rindo.

– Bem, no que você acredita agora?

– Acredito que pouca diferença faz, se você está noiva ou não!

Sentiu os belos olhos da moça cravados nele através da escuridão espessa da arcada; parecia que ela ia responder algo.

Porém, Giovanelli apressou-a.

– Rápido, rápido – ele disse –, se chegarmos em casa antes da meia-noite estaremos seguros.

Daisy tomou seu lugar na carruagem, e o afortunado italiano sentou-se ao lado dela.

– Não se esqueça dos comprimidos de Eugenio! – disse Winterbourne, ao erguer o chapéu.

– Pouco me importa – falou Daisy, em um tom meio estranho –, pegar ou não a febre romana! – Com isso, o cocheiro estalou o chicote, e eles partiram, rodando sobre os remendos incompletos do antigo pavimento.

Winterbourne – devo fazer justiça a ele, por assim dizer – não mencionou a ninguém que havia encontrado a srta. Miller, à meia-noite, no Coliseu, em companhia de um homem; entretanto, dois dias depois, o fato de a moça ter estado lá nessas circunstâncias era sabido de cada membro do pequeno círculo americano e comentado de acordo. Winterbourne refletiu que, é claro, ficaram sabendo daquilo no hotel, e que, após o retorno de Daisy, houvera uma troca de piadinhas entre o porteiro e o cocheiro. Porém, o rapaz, ao mesmo tempo, estava consciente de que, para ele, deixara de ser matéria de sério pesar que a namoradeira americana estivesse nas “fofocas” de criados vulgares. Essas pessoas, um ou dois dias depois, veicularam uma informação alarmante: a namoradeira americana estava seriamente adoentada. Winterbourne, quando o rumor lhe chegou aos ouvidos, foi de imediato ao hotel para ter mais notícias. Descobriu que dois ou três amigos caridosos haviam chegado antes dele e estavam sendo recebidos, no salão da sra. Miller, por Randolph.

– Ficar saindo à noite – disse Randolph –, foi isso que deixou ela doente. Ela está sempre saindo à noite. Não sei por que ela ia querer... é escuro como a peste. Não se enxerga nada aqui de noite, só quando tem luar. Na América sempre tem luar! – Não se via a sra. Miller; pelo menos agora ela estava dando à filha o benefício de sua companhia. Sem dúvida, a doença de Daisy era grave.

Winterbourne ia seguido saber notícias dela e uma vez viu a sra. Miller tomada de profunda inquietação, porém (para a surpresa dele), bem composta e, ao que parece, uma enfermeira das mais eficientes e sensatas. Falou um bom tempo sobre o dr. Davis, mas Winterbourne elogiou-a dizendo a si mesmo que ela não era, afinal, tão monstruosamente tola assim.

– Daisy falou no senhor outro dia – ela lhe contou. – Metade do tempo ela não sabe o que está dizendo, mas naquela hora acho que sabia. Ela me deu um recado; pediu para transmitir ao senhor. Ela me disse para dizer ao senhor que nunca esteve noiva daquele italiano bonito. De minha parte, fico contente; o sr. Giovanelli nunca mais apareceu, desde que ela adoeceu. Ele me parecia tão cavalheiro, mas eu não chamo isso de muito educado! Uma senhora me disse que ele estava com medo de que eu estivesse zangada por ele ter levado Daisy para sair à noite. Bem, estou mesmo, mas suponho que ele saiba que sou uma dama. Eu me recusaria a repreendê-lo. De qualquer modo, ela diz que não está noiva. Não sei por que ela queria que o senhor soubesse, mas ela me disse três vezes: “Não esqueça de dizer ao sr. Winterbourne”. E então ela me pediu para perguntar se o senhor lembrava do dia em que foram àquele castelo, na Suíça; mas eu disse que não daria recados como esse e que estou contente em saber que ela não está noiva, estou mesmo.

Porém, como Winterbourne dissera, isso importava muito pouco. Uma semana depois a pobre moça morreu; foi um caso grave de febre romana. A sepultura de Daisy teve lugar no pequeno cemitério protestante, a um canto do muro imperial romano, ao pé dos ciprestes e das espessas flores primaveris. Winterbourne permaneceu lá, ao lado da cova, com um bom número de pessoas que lhe pranteavam a morte; um número maior do que o escândalo provocado pelo comportamento da moça faria supor. Perto dele estava Giovanelli, que se aproximou antes de Winterbourne se virar para ir embora. Giovanelli estava muito pálido, sem flor na lapela; parecia desejoso de dizer algo. Por fim, disse:

– Ela era a moça mais linda que conheci na minha vida e a mais amável. – E, um momento depois, acrescentou: – E também a mais inocente.

Winterbourne olhou-o e então repetiu suas palavras.

– E a mais inocente?

– A mais inocente!

Winterbourne sentiu-se doído e com raiva.

– Por que diabos – perguntou ele – a levou àquele lugar fatal?

A polidez do sr. Giovanelli parecia ser imperturbável. Olhou para o chão um tempo e então disse:

– Por mim, não tinha medo, e ela queria ir.

– Isso não era razão! – declarou Winterbourne.

O italiano sutil baixou o olhar de novo.

– Se ela tivesse sobrevivido, eu não conseguiria nada. Ela nunca se casaria comigo, tenho certeza.

– Ela nunca se casaria com você?

– Por um momento, tive esperanças. Mas, tenho certeza que não.

Winterbourne escutava-o; permaneceu com olhar fixo na saliência rústica em meio às margaridas de abril. Quando Winterbourne ergueu o olhar de novo, o sr. Giovanelli já havia se retirado, a passos leves e lentos.

Winterbourne deixou Roma logo depois, mas no verão seguinte reencontrou-se com sua tia, a sra. Costello, em Vevey. A

sra. Costello era fã de Vevey. Nesse meio tempo, Winterbourne com frequência pensara em Daisy Miller e suas maneiras enigmáticas. Um dia falou sobre ela à sua tia; disse que lhe pesava na consciência ter sido injusto com ela.

– Com certeza, não estou sabendo – disse a sra. Costello. – De que forma sua injustiça a afetou?

– Ela me enviou um recado antes de morrer, que na época eu não entendi. Contudo, desde então, passei a compreender.

Ela teria ficado grata pela estima de alguém.

– Essa é uma maneira modesta – perguntou a sra. Costello – de dizer que ela teria correspondido à afeição de alguém?

Winterbourne não ofereceu resposta a essa pergunta, mas logo disse:

– A senhora estava certa sobre aquela observação que fez no verão passado. Eu estava prestes a cometer um erro. Morei tempo demais no estrangeiro.

Entretanto, ele voltou a morar em Genebra, de onde continuaram a chegar informações das mais contraditórias sobre os motivos de sua estadia: um relato de que está entregue a árduos “estudos” – insinuação de que está bem interessado em uma dama estrangeira muito perspicaz.